



José Alberto Neves

História Concisa de

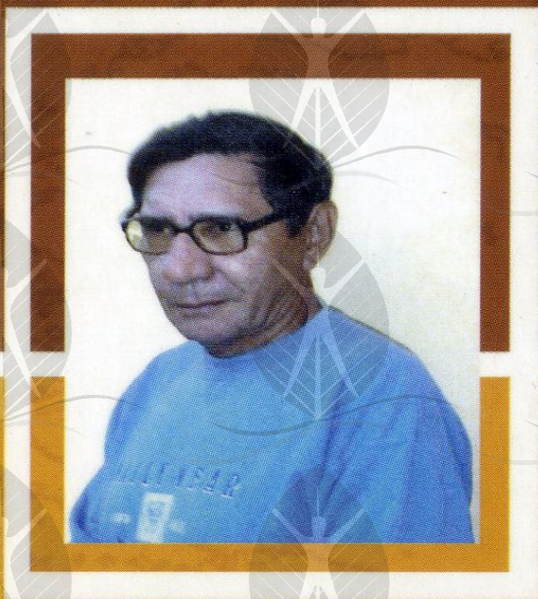
# URUCURITUBA

e Vislumbres de Civilizações Extintas

CULTURA



Edições  
Governo do Estado



José Alberto Neves nasceu na cidade de Manacapuru, em 1939, onde cursou o antigo ensino primário. Fez o Normal no Instituto de Educação do Amazonas. Através de concurso efetivou-se como professor da rede pública do Estado. Fez estudo superior pela UERJ e licenciou-se em Letras pela UFAM. Na sua infância e adolescência dedicou-se a observar os muitos achados de civilizações perdidas em Manacapuru. Já em Urucurituba, cuidadosamente passou a pesquisar e colecionar artefatos indígenas pré-históricos. É amante e estudioso da arqueologia regional. Detentor de uma das mais completas coleções de peças arqueológicas que se tem notícia na região. Relata em síntese a História de Urucurituba e o antepassado de sociedades da fase pré-colombiana da região do Município.



# HISTÓRIA CONCISA DE URUCURITUBA

E VISLUMBRES DE CIVILIZAÇÕES EXTINTAS



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO  
[www.amazonas.am.gov.br](http://www.amazonas.am.gov.br)

GOVERNADOR DO AMAZONAS  
**Eduardo Braga**

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS  
**Omar Aziz**

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA  
**Robério Braga**

ASSESSOR DE EDIÇÕES  
**Antônio Auzier**

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA  
**SAUL BENCHIMOL – PRESIDENTE**

## **CULTURA**

Secretaria do Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633.2850 / 3633.3041 / 3633.1357

Fax.: (92) 3233.9973

E-mail: [cultura@culturamazonas.am.gov.br](mailto:cultura@culturamazonas.am.gov.br)

[www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br)

José Alberto Neves

# HISTÓRIA CONCISA DE URUCURITUBA

E VISLUMBRES DE CIVILIZAÇÕES EXTINTAS

Governo do Estado do Amazonas  
Secretaria de Estado de Cultura

Programa "Mania de Ler"

CULTURA



Copyright © 2009 Governo do Estado do Amazonas  
Secretaria de Estado da Cultura

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Antônio Auzier Ramos**

PROJETO GRÁFICO  
**KintawDesign**

CAPA  
**Thaís Quintana**

REVISÃO  
**Cláudia Adriane Souza**

FICHA CATALOGRÁFICA  
**Ycaro Verçosa dos Santos — CRB-11 287**


**N513h Neves, José Alberto.**

**História Concisa de Urucurituba e Vislumbres  
de Civilizações Extintas./José Alberto Neves. —  
Manaus: Governo do Estado do Amazonas —  
Secretaria de Estado da Cultura, 2009.**

**80 p.**

**1. Urucurituba — História 2. Município do  
Amazonas I. Título**

**CDD 981.13  
22. ed.**



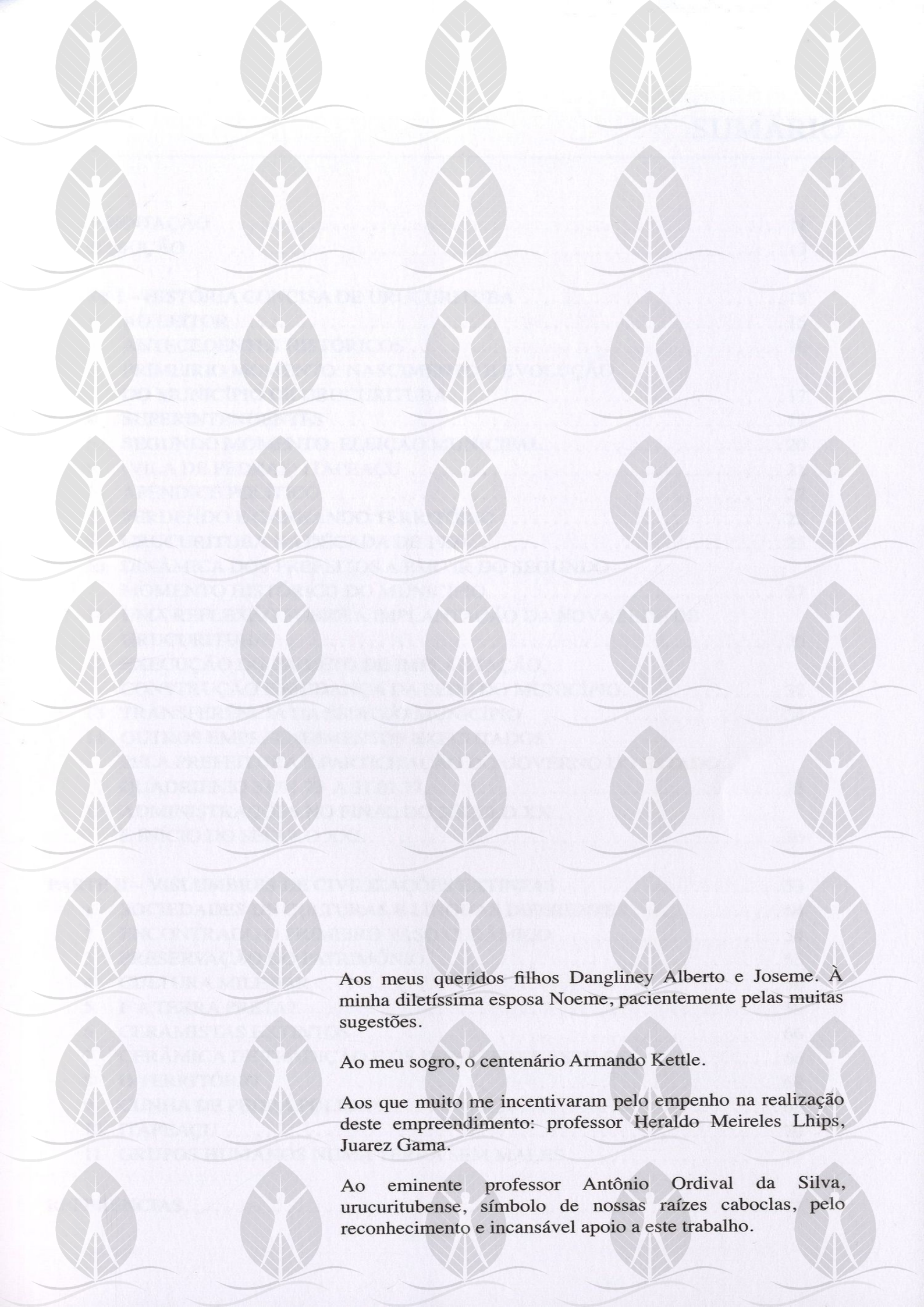
*A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...*

**Eduardo Braga**

*Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga na sessão solene de posse em 1.º de janeiro de 2003.*





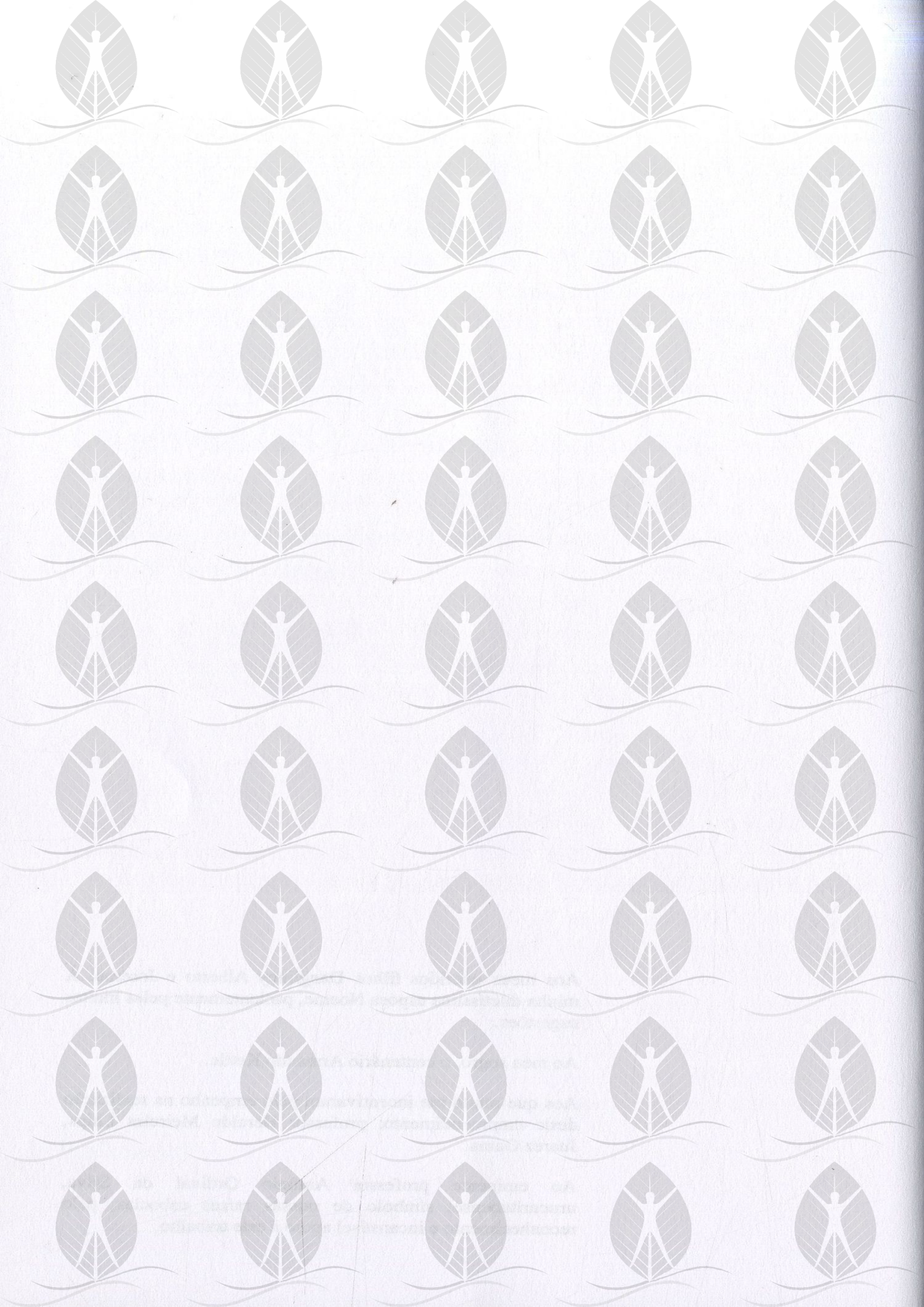


Aos meus queridos filhos Dangliney Alberto e Joseme. À minha diletíssima esposa Noeme, pacientemente pelas muitas sugestões.

Ao meu sogro, o centenário Armando Kettle.

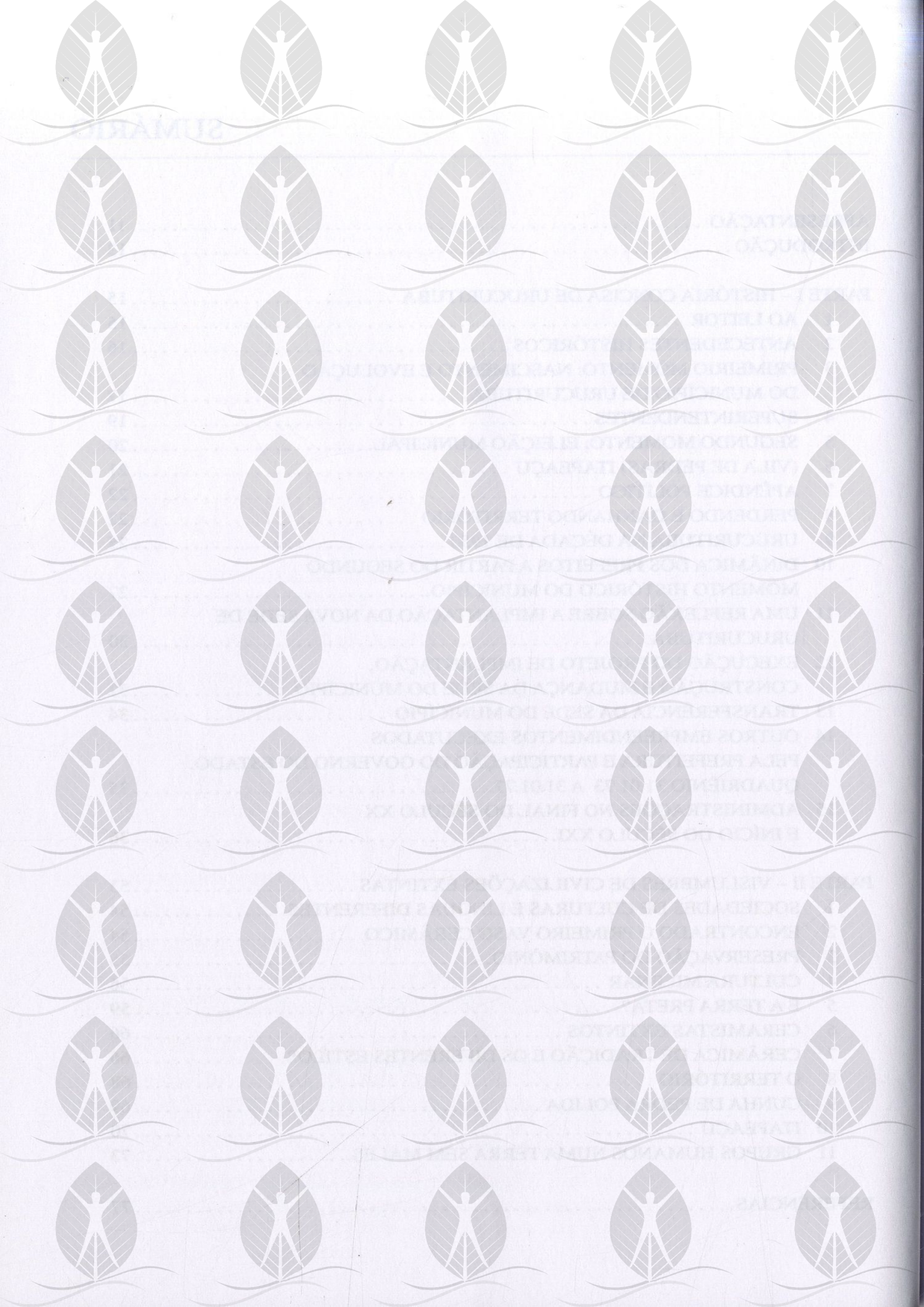
Aos que muito me incentivaram pelo empenho na realização deste empreendimento: professor Heraldo Meireles Lhips, Juarez Gama.

Ao eminente professor Antônio Ordival da Silva, urucuritubense, símbolo de nossas raízes caboclas, pelo reconhecimento e incansável apoio a este trabalho.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	11
INTRODUÇÃO .....	13
<b>PARTE I – HISTÓRIA CONCISA DE URUCURITUBA .....</b>	<b>15</b>
1 AO LEITOR .....	15
2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS .....	16
3 PRIMEIRO MOMENTO: NASCIMENTO E EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO DE URUCURITUBA. ....	17
4 SUPERINTENDENTES .....	19
5 SEGUNDO MOMENTO: ELEIÇÃO MUNICIPAL.....	20
6 (VILA DE PEDRAS) ITAPEAÇU .....	21
7 APÊNDICE POLÍTICO .....	22
8 PERDENDO E GANHANDO TERRITÓRIO .....	22
9 URUCURITUBA NA DÉCADA DE 1950 .....	25
10 DINÂMICA DOS PREFEITOS A PARTIR DO SEGUNDO MOMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO.....	27
11 UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA NOVA SEDE DE URUCURITUBA.....	30
12 EXECUÇÃO DO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO, CONSTRUÇÃO E MUDANÇA DA SEDE DO MUNICÍPIO. ....	32
13 TRANSFERÊNCIA DA SEDE DO MUNICÍPIO .....	34
14 OUTROS EMPREENDIMENTOS EXECUTADOS PELA PREFEITURA E PARTICIPAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO. QUADRIÊNIO 31.01.73 A 31.01.77.....	35
15 ADMINISTRAÇÕES NO FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI.....	36
<b>PARTE II – VISLUMBRES DE CIVILIZAÇÕES EXTINTAS .....</b>	<b>53</b>
1 SOCIEDADES DE CULTURAS E LÍNGUAS DIFERENTES.....	54
2 ENCONTRADO O PRIMEIRO VASO CERÂMICO .....	54
3 PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.....	55
4 CULTURA MILENAR .....	56
5 E A TERRA PRETA?.....	59
6 CERAMISTAS EXTINTOS .....	66
7 CERÂMICA DE TRADIÇÃO E OS DIFERENTES ESTILOS.....	66
8 O TERRITÓRIO .....	68
9 CUNHA DE PEDRA POLIDA .....	69
10 ITAPEAÇU .....	70
11 GRUPOS HUMANOS NUMA TERRA SEM MALES.....	73
REFERÊNCIAS.....	77

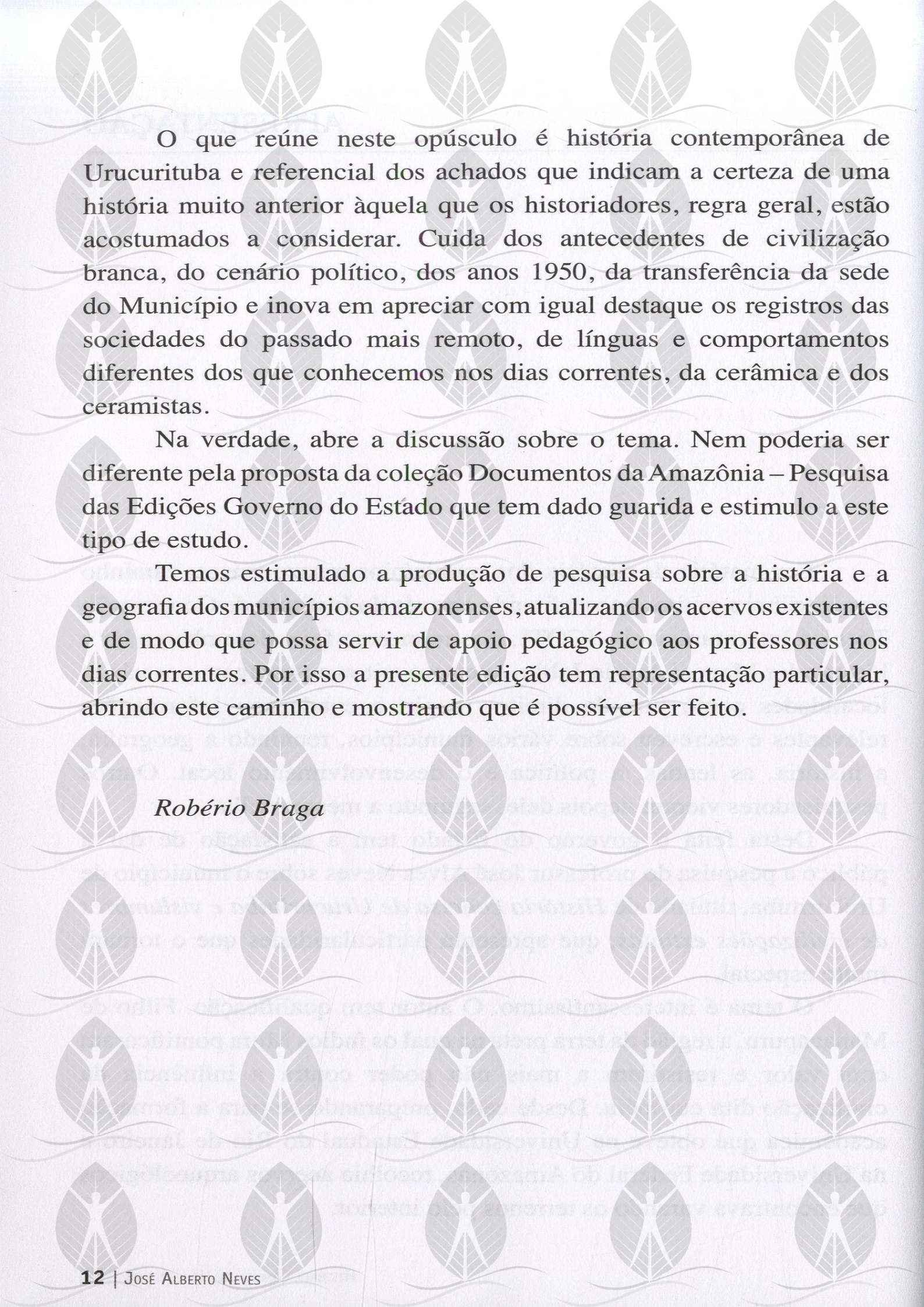


## APRESENTAÇÃO

Em matéria de história dos municípios amazonenses, caminho que já trilhei a muitos anos editando através do Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal – ICOTI, mestre mesmo foi o desembargador e historiador Manoel Anísio Jobim que aproveitou a passagem por várias localidades como juiz de direito, reuniu e condensou informações relevantes e escreveu sobre vários municípios, reunindo a geografia, a história, as lendas, a política e o desenvolvimento local. Outros pesquisadores vieram depois dele, seguindo a mesma trilha.

Desta feita o governo do Estado tem a satisfação de dar a público a pesquisa do professor José Alves Neves sobre o município de Urucurituba, titulado de *História concisa de Urucurituba e vislumbres de civilizações extintas*, que apresenta particularidades que o tornam muito especial.

O tema é interessantíssimo. O autor tem qualificação. Filho de Manacapuru, a região da terra preta na qual os índios Mura pontificaram com valor e resistiram a mais não poder contra a influência da civilização dita européia. Desde cedo, preparando-se para a formação acadêmica que obteve na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e na Universidade Federal do Amazonas, recolhia acervos arqueológicos que encontrava varando os terrenos pelo interior.



O que reúne neste opúsculo é história contemporânea de Urucurituba e referencial dos achados que indicam a certeza de uma história muito anterior àquela que os historiadores, regra geral, estão acostumados a considerar. Cuida dos antecedentes de civilização branca, do cenário político, dos anos 1950, da transferência da sede do Município e inova em apreciar com igual destaque os registros das sociedades do passado mais remoto, de línguas e comportamentos diferentes dos que conhecemos nos dias correntes, da cerâmica e dos ceramistas.

Na verdade, abre a discussão sobre o tema. Nem poderia ser diferente pela proposta da coleção Documentos da Amazônia – Pesquisa das Edições Governo do Estado que tem dado guarida e estímulo a este tipo de estudo.

Temos estimulado a produção de pesquisa sobre a história e a geografia dos municípios amazonenses, atualizando os acervos existentes e de modo que possa servir de apoio pedagógico aos professores nos dias correntes. Por isso a presente edição tem representação particular, abrindo este caminho e mostrando que é possível ser feito.

*Robério Braga*

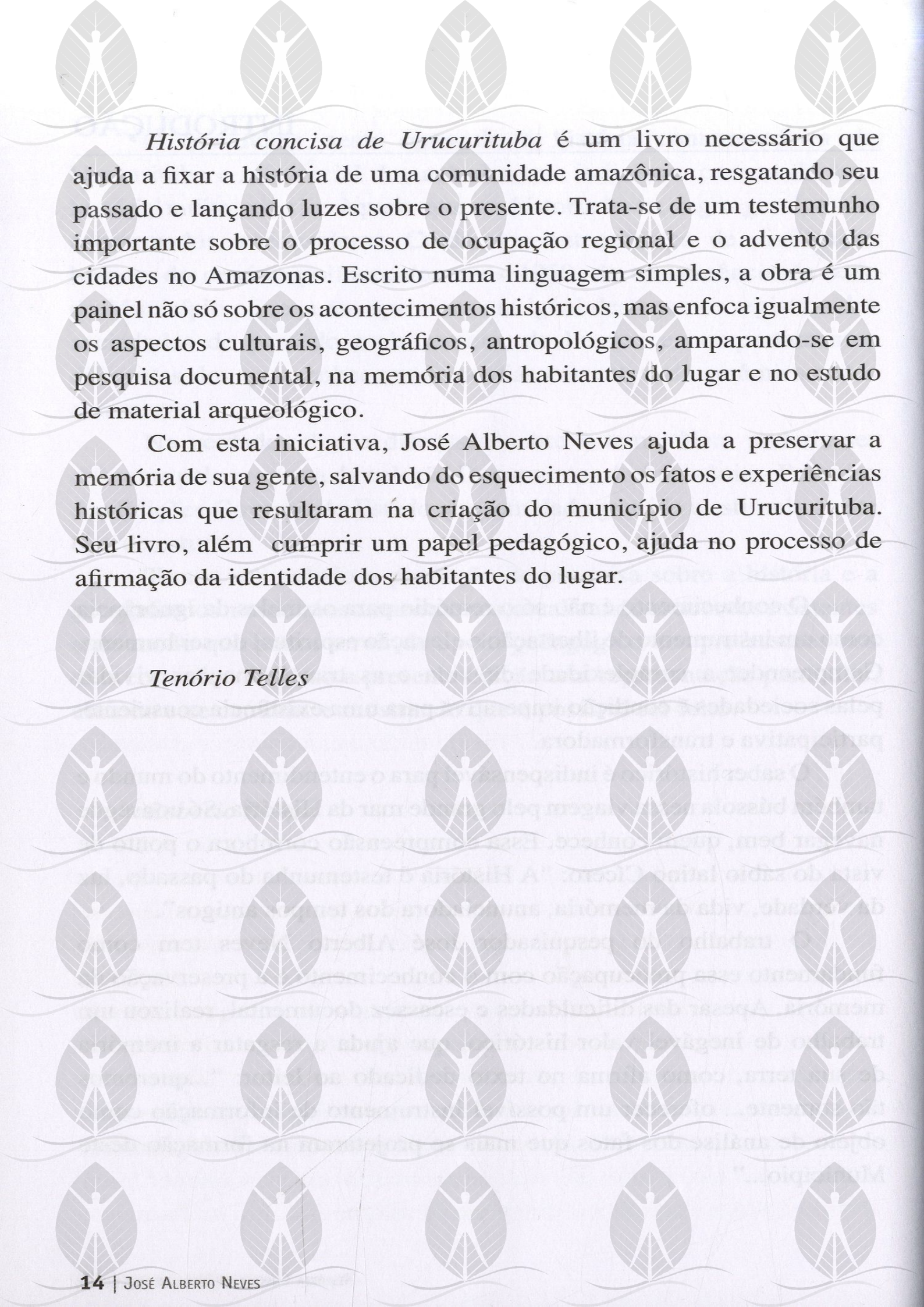


## INTRODUÇÃO

O conhecimento é não só o remédio para os males da ignorância como um instrumento de libertação e elevação espiritual do ser humano. Compreender a complexidade da vida e as transformações vividas pelas sociedades é condição imperativa para uma existência consciente, participativa e transformadora.

O saber histórico é indispensável para o entendimento do mundo e também bússola nessa viagem pelo grande mar da História. Só consegue navegar bem, quem conhece. Essa compreensão corrobora o ponto de vista do sábio latino Cícero: “A História é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, anunciadora dos tempos antigos”.

O trabalho do pesquisador José Alberto Neves tem como fundamento essa preocupação com o conhecimento e a preservação da memória. Apesar das dificuldades e escassez documental, realizou um trabalho de inegável valor histórico, que ajuda a resgatar a memória de sua terra, como afirma no texto dedicado ao leitor: “...queremos tão somente... oferecer um possível instrumento de informação como objeto de análise dos fatos que mais se projetaram na formação deste Município...”



*História concisa de Urucurituba* é um livro necessário que ajuda a fixar a história de uma comunidade amazônica, resgatando seu passado e lançando luzes sobre o presente. Trata-se de um testemunho importante sobre o processo de ocupação regional e o advento das cidades no Amazonas. Escrito numa linguagem simples, a obra é um painel não só sobre os acontecimentos históricos, mas enfoca igualmente os aspectos culturais, geográficos, antropológicos, amparando-se em pesquisa documental, na memória dos habitantes do lugar e no estudo de material arqueológico.

Com esta iniciativa, José Alberto Neves ajuda a preservar a memória de sua gente, salvando do esquecimento os fatos e experiências históricas que resultaram na criação do município de Urucurituba. Seu livro, além de cumprir um papel pedagógico, ajuda no processo de afirmação da identidade dos habitantes do lugar.

*Tenório Telles*



– PARTE I –

# HISTÓRIA CONCISA DE URUCURITUBA

---

## 1 AO LEITOR

Temos sido uma vez ou outra indagados por curiosos, estudantes e intelectuais no intuito de obter uma resposta satisfatória concernente à origem do Município de Urucurituba. A história desta comuna já existe há muito tempo e continua evoluindo e desafiando a quem desejar escrevê-la.

O trabalho que ora apresentamos não tem a menor pretensão de conferir a história deste Município como se fosse a única em sua totalidade. O campo é enorme e requer muito mais pesquisa. Neste sentido queremos tão somente, com muito respeito, oferecer um possível instrumento de informação como objeto de análise dos fatos que mais se projetaram na formação deste Município até aos nossos dias, para que os filhos desta comunidade, desta geração nova e a todos quantos a integram se auto determine numa participação mais ativa e reflexiva pela construção evolucionária de uma sociedade atuante e responsável.

Impossível teria sido a elaboração deste trabalho se não houvesse as fontes necessárias. Para isso recorreremos aos arquivos da Prefeitura, onde foi possível encontrar, ainda que poucos, documentos que serviram de subsídios para o desdobramento desta tarefa. Preliminarmente

tomamos como ponto de partida os Topónimos Amazonenses de Octaviano Mello, no qual é encontrado um cabedal de informações sobre a origem das cidades amazonenses, inclusive a de Urucurituba. Consultamos diversos ensaios escritos por voluntários urucuritubenses, relatos preciosos de antigos moradores e a exposição detalhada sobre a fundação da nova sede do Município. Entendemos que seria oportuno incorporar observações sobre os artefatos encontrados na região do Município, pertencentes a povos primitivos de uma antiguidade ainda muito anterior a conquista luso-espanhola.

Esperamos que este modesto trabalho seja útil e de vital importância a todos quantos no dia-a-dia percorrem em busca de saber os fatos que assinalaram a origem e a formação do Município de Urucurituba.

*José Alberto Neves*

## 2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O rio Amazonas tornou-se palco de invasores europeus, tendo como um dos pioneiros dessa conquista o espanhol Francisco Orellana, em 1542, que percorreria o rio em toda sua extensão num insaciável desejo de encontrar o País da Canela e do Eldorado.

Sob o domínio ibérico no território amazônico que compreende hoje os estados da Região Norte, pelo beiradão do rio Amazonas e seus afluentes especialmente em lugares onde já havia nativos, aqui ou acolá foi sendo ocupado pelos lusos. A frente dessa empreitada invasora como era mister, estaria sempre um religioso em nome da fé cristã para catequizar o índio, torná-lo convertido e civilizado. Mas por detrás dessa louvável cortina missionária estaria também a escravidão, a devassa e o massacre de muitos civículas, não só pelas doenças epidêmicas trazidas pelo europeu, mas também pela fúria de arcabuzes e pistolas.

Por volta do século XIX a população nativa no Amazonas já demonstrava bastante declinada. Era visto, no entanto, o desenvolvimento de uma sociedade miscigenada produto do cruzamento luso com as índias. E assim foram surgindo lugarejos, vilas e cidades ribeirinhas pelo Amazonas e seus afluentes.

### 3 PRIMEIRO MOMENTO: NASCIMENTO E EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO DE URUCURITUBA.

Não foi muito diferente o que veio acontecer na segunda metade do século XIX à margem direita do rio Amazonas a leste de Urucará, chegando ao massapé numa das ilhas do arquipélago Tupinambarana o mestiço Aniceto da Costa que passou a fazer o cultivo da terra abrindo roçado para o plantio de mandioca, fumo e principalmente cacau. Em 1881 o sítio de cacauzeiros já era por assim dizer bem adulto e produtivo a boa colheita, cujo local passou a ser chamado Urucuri, nome dado pelo proprietário, pois naquelas redondezas havia em abundância essa palmeira. Muito individado, o caboclo Aniceto obrigou-se a passar o imóvel por conta da dívida ao cidadão Felipe da Cunha Meninéa, e este, posteriormente ao abastado comerciante Benedito Francisco do Amaral. Naquelas paragens com a facilidade que tinha em lidar com os caboclos adquirindo produtos da flora e da fauna, bichos de casco, peixe seco, principalmente o pirarucu em troca com mercadoria, Amaral transforma o sítio em povoado. Amaral foi quem ergueu a primeira igreja da localidade, tendo como padroeira Nossa Senhora da Conceição. Porém, numa de suas freqüentes visitas ao povoado o padre José Henrique Felix da Cruz Dácia, habilidosamente conseguiu convencer Amaral, substituindo o nome da padroeira por São José, santo do seu nome. O padre, deputado provinciano, através de um projeto em 1887 transformou o povoado denominando-o de Freguesia de São José de Urucurituba. Poucos anos depois o sítio Urucurituba foi vendido ao

cidadão Domingos Soares. Com o prestígio que desfrutava junto ao governo, Soares consegue a elevação da Freguesia à Vila através da Lei estadual nº 118, de 27 de abril de 1896, *nascendo assim o Município de Urucurituba*. A instalação do Município ocorreu em 5 de maio do mesmo ano e teve como seu primeiro superintendente o cidadão Militão Caetano Corrêa.

Um ano depois da instalação é desencadeado um sério conflito político, o que levou a extinção do Município e Vila através da Lei nº 164, de 14 de maio de 1897. Em 5 de março de 1898, pela Lei estadual nº. 212, Urucurituba retoma a condição de Município e Vila.

Os conflitos políticos locais, todavia, não cessaram, motivando desta forma a transferência da sede, através da Lei municipal nº. 38, de 18 de julho de 1901, para a Terra Preta do Tabocal, sendo instalada em 26 de julho do mesmo ano com a denominação Silvério Néri em homenagem ao governador do Estado, sendo presidida a cerimônia pelo capitão Raimundo Lemos Braga. A Lei estadual nº. 350, de 2 de agosto do mesmo ano confirmou e outorgou à categoria de Vila, transferindo também o Termo Judiciário.

Os ânimos políticos não se acalmaram e as lideranças locais através da Lei municipal nº63, de 27 de fevereiro de 1908, retoma a sede mantendo o mesmo nome Silvério Néri ao local primitivo reinstalada em 8 de março pelo superintendente Raimundo Evaristo Araújo.

Após acirrados debates locais foi reivindicada sua primitiva denominação, confirmada pela Lei estadual nº. 660, de 15 de dezembro de 1910 à Vila de Urucurituba.

Naqueles idos já era possível perceber que havia uma certa consciência da opinião local, reconhecendo que o terreno não oferecia condições favoráveis para um possível crescimento urbano. Inúmeros foram os questionamentos, mas nenhum acordo para a mudança da sede para um terreno mais elevado. Mesmo contrariando a idéia de muitos os políticos conseguiram com apoio do governo restabelecer a denominação Silvério Néri e a transferência da sede à Terra Preta do Tabocal através da Lei estadual nº. 1425, de 15 de outubro de 1929. Mas essa Lei de

transferência no governo de Raimundo Afonso de Carvalho não foi cumprida. O pior veio depois quando o governo extinguiu o Município anexando a Itacoatiara através do Ato n°. 33, de 14 de setembro de 1931, Urucurituba foi rebaixada a uma simples Delegacia Municipal de Itacoatiara. Em 2 de junho de 1935, com a reconstitucionalização do Estado o Município de Urucurituba readquiriu sua autonomia.

Em 31 de março de 1938 no governo do Dr. Álvaro Botelho Maia, pelo Decreto Lei n°. 68, a sede do Município foi elevada à categoria de cidade, instalada pelo juiz Dr. Orlando Soares Monteiro em 5 de maio daquele ano.

#### 4 SUPERINTENDENTES

Dantes os municípios assim como Urucurituba notadamente de 1930 até a década de 1940 eram administrados por superintendentes. O superintendente era aquela pessoa indicada por algum político de influência junto ao governo, naturalmente da mesma ala. De posse do nome o governador nomeava-o para o exercício do cargo por tempo determinado e exonerado quando por alguma razão conviesse. Tal cargo político em geral era exercido por um jurista, um oficial da polícia, quando não ou em alguns casos, alguém de boa reputação e liderança na comunidade local de preferência um comerciante, um fazendeiro, um dentista ou um rábula.

As atribuições do superintendente eram tanto quanto as do prefeito hoje. Com apenas uma diferença, como já foi mencionado acima. No primeiro caso era nomeado pelo governador. No segundo caso era escolhido pelo povo, isto é, aquele que obtivesse a maioria de votos em eleições livres, para cumprir um mandato de quatro anos ou de acordo com a legislação estabelecida. Pelo que foi percebido Urucurituba desde sua criação, em 27 de abril de 1896, a 1947 foi dirigido por superintendentes assim relacionados até assumir o primeiro prefeito eleito.

Militão Caetano Corrêa  
 Raimundo Evaristo de Araújo  
 José Ribeiro da Silva  
 Joaquim José de Araújo  
 Eliezer da Silva Lima  
 Tito Botelho  
 Dr. Orlando Soares Monteiro  
 Armando Neves  
 Jader Colares Veras  
 Ignácio Brito dos Santos  
 Augusto Pessoa Montenegro.

## 5 SEGUNDO MOMENTO: ELEIÇÃO MUNICIPAL

Com o restabelecimento da Democracia no Brasil entende-se que o Município entra no seu segundo momento histórico passando a ser administrado por prefeitos eleitos juntamente com representantes populares à câmara de vereadores a partir de 1947.

Antônio Serrão Vital	22.12.1947 a 08.01.1952
Raimundo Nonato Moraes	08.01.1952 a 08.01.1956
Arão TávoraTundis	08.01.1956 a 08.01.1960
Raimundo Oliveira Anselmo	08.01.1960 a 12.01.1964
Felix Vital de Almeida	12.01.1964 a 31.01.1969
Arão Távora Tundis	31.01.1969 a 31.01.1973
Felix Vital de Almeida	31.01.1973 a 31.01.1977
Manoel Antônio Vital	31.01.1977 a 31.01.1983
Alexandre Gomes da Silva	31.01.1983 a 06.01.1987
Fernando Vitalino - Interventor	07.11.1987 a 14.06.1988
José Ivam Rodrigues - Interventor	15.06.1988 a 31.12.1988

Felix Vital de Almeida	01.01.1989 a 21.12.1996
Sildoverio Almeida Tundis	01.01.1993 a 31.23.2000
Salomão de Araújo Silva	01.01.1997 a 31.12.2000
Felix Vital de Almeida	01.01.2001 a 31.12.2004

## 6 (VILA DE PEDRAS) ITAPEAÇU

À margem esquerda do paraná do Ramos em meio a uma grande porção de terra-firme e mata bruta, nasce a Vila de Pedras, era assim mais conhecida desde quando l chegou Francisco Tavares com a mulher e filhos em 15 de outubro de 1914. Tavares abriu os primeiros roçados para cultivar a mandioca, milho, jerimum, assim como dedicou-se ao plantio de cacau e seringa. Em seguida chega também Manoel de Castro, Rmulo Paz e outros que foram povoando o local, uma das ilhas integrantes do arquipélago Tupinambarana.

Com a presenç de solo rochoso a vila passou a ser denominada Itapeaçu como bem merece o nome por se tratar de uma palavra de origem tupi formada pelos vocábulos ITA+= pedra + AÇU = grande.

No final deste trabalho verifica-se alguns vislumbres sobre os antigos moradores nativos da região de Itapeaçu da fase pré luso-espanhola.

Hoje Itapeaçu  uma das vilas muito bem organizadas que se conhece no paraná do Ramos, tudo isso como resultado de um projeto e investimento do governo estadual em 2001 para 2002 quando foi construído o prédio hospitalar, uma escola, a feira do produtor, pavimentação de ruas, um porto flutuante para embarque e desembarque tudo em estilo padrão e moderno.

## 7 APÊNDICE POLÍTICO

Por Lei estadual nº 7 de 13 de abril de 1963, ato do senhor governador Dr. Plínio Ramos Coelho, Urucurituba, perde porção de seu território no Centro e extremo Sul com a criação respectivamente dos municípios de Itapeaçu e Tabocal.

Para prefeito de Itapeaçu foi nomeado o senhor Jorge Vargas, enquanto que para o Município de Tabocal o cidadão Armando Mendonça de Cristo Kettle, investido no cargo de prefeito em 31 de março de 1964.

Não somente Itapeaçu e Tabocal como outras unidades no Amazonas faziam parte de uma leva de municípios criados no segundo governo de Plínio Coelho sob a influência de políticos de base interiorana, inclusive do então deputado Augusto Montenegro líder nessa região.

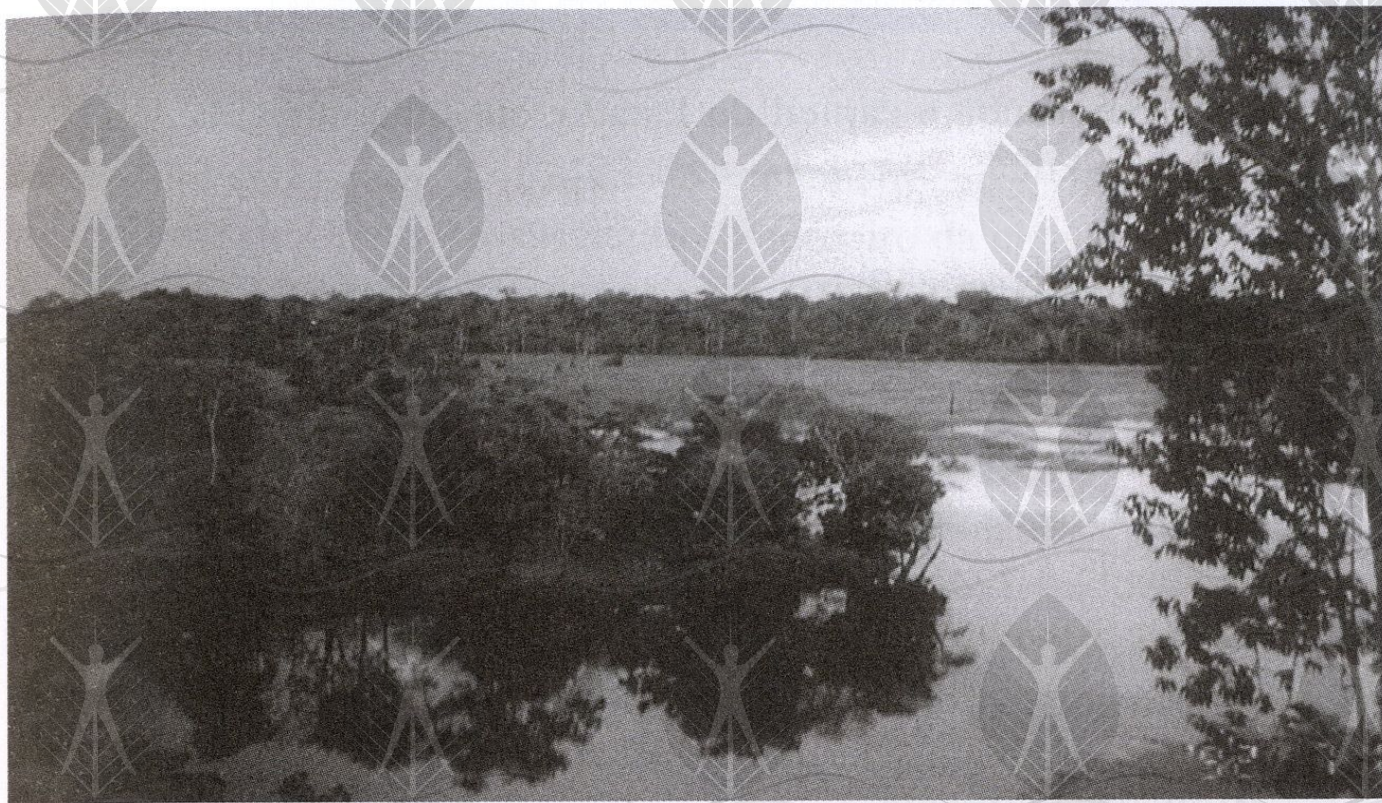
Com a Revolução Militar e euforia dos novos municípios teve duração efêmera e logo extintos, inclusive a reinstalação de Itapeaçu e Tabocal ao Município de Urucurituba.

## 8 PERDENDO E GANHANDO TERRITÓRIO

Em 10.12.1981 pela Emenda Constitucional nº. 12, Urucurituba perde parte de seu território em favor do novo Município de Boa Vista do Ramos.

No final da década de 1980, por força de lei, Urucurituba sofre outras mudanças em seu território, ficando a região do paraná do Comprido e ilha do Albano ao Município de Urucará, perdendo também pela margem esquerda do paraná do Ramos para o Município de Boa Vista do Ramos, mas em compensação ganhou ao Sul terras que pertenciam a Maués e Itacoatiara compreendidas entre o lago das Piranhas, Agostinho e cabeceira do lago do Arrozal.





Paisagem típica da flora urucuritubense.

**Localização:**

O Município está situado na Região fisiográfica do Médio Amazonas e limita-se com os municípios de Parintins, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Itacoatiara, Silves, Itapiranga e Urucará.

**Altitude:**

16 m acima do nível do mar.

**Área territorial:**

3.157Km<sup>2</sup>

Seu clima é quente e superúmido, como o da maioria dos municípios amazonenses.

Os ventos alísios que sopram do atlântico, a alta pluviosidade e a queda de temperatura à noite contribuem para amenizar os rigores do calor, tendo como temperatura média: 27°C.

### **Distância:**

De Urucurituba a capital do Estado, em linha reta 212 km. Por via fluvial, 216 km.

### **Acidentes Geográficos:**

- Rio Amazonas.
- Paraná do Ramos.
- Paraná de Urucurituba.
- Lago Grande de Urucarazinho.
- Lago do Arrozal.
- Ilhas: Apunumã, Ilha Grande, Severino, Ilha do Adão, Banco das Garças.

### **Riquezas Naturais**

A flora: castanha e madeira de lei.

A fauna aquática: variedades de peixes, considerando que o tambaqui e o pirarucu estão em fase de extinção. Quelônios, pouco ou nada resta.

A fauna térricula: veado, porco-do-mato, anta, paca, cotia, capivara, trafegam num caminho só, a extinção.

### **Produção agropecuária:**

Cacau, mandioca e bovinos.

### **População:**

16.727 habitantes, sendo 8.764 do sexo masculino e 7.963 do sexo feminino.

### **Religião:**

O catolicismo é a religião predominante no Município, entretanto há muitas congregações evangélicas na cidade e no interior dentre tantas a Igreja Batista, Igreja Adventista do 7º Dia, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Presbiteriana e outras.

### **Eventos Culturais:**

Aniversário do Município - 24 de janeiro.

Festa de Cristo Ressuscitado - Padroeiro da cidade - Na Semana da Páscoa.

Festa do Cacau - Última semana de abril.

Festejos de São José do Operário em maio na vila Augusto Montenegro.

Festa do Divino Espírito Santo - Última semana de julho.

Festa de São Benedito – na ultima semana de julho em Urucurazinho.

Festa do Peixe Liso – na última semana de agosto em Itapeaçu.

### **Indústrias:**

Estaleiro, padaria e oficinas de fabricação de móveis.

## **9 URUCURITUBA NA DÉCADA DE 1950**

### **Atividades econômicas**

O extrativismo vegetal nessa fase era predominado pela extração da castanha-do-pará, sorva, látex, cumaru e óleo de copaíba. Como ponto de referência a economia do Município prendia-se a exploração de peles de animais silvestres, em destaque o couro de capivara, caititu, veado e anfíbios, principalmente o couro de jacaré, a carne salgada desse lagarto, incluindo o peixe liso seco e o pirarucu exportados para o Estado do Pará. A juta foi um dos produtos que muito contribuiu para a economia do Município, superado apenas pelo cacau com o valor de Cr\$ 1.400.000,00 de exportação.

A mandioca, a macaxeira, a banana e o tabaco foram os principais produtos cultivados na época.

Nesse período o comércio contava com 73 estabelecimentos varejistas os quais mantinham intercâmbio com a praça de Manaus e

Belém-Pará, comprando estivas em geral e exportando os produtos da flora e da fauna. O gírio de negócios era mantido pelas empresas de navegação Nicolau da Costa & CIA LTDA, Aquidaban LTDA., Oscar Santos LTDA. O maior comércio de aviamento na década de 1950 pertencia ao senhor Raimundo Fernandes Moraes na boca do paraná do Jurupari, Antônio Marcos Nayto, de origem japonesa na Boca das Garças, irmãos Olímpio na Boca do Moura e muitos outros.

### **Aspectos urbanos**

Na época a sede municipal contava com 15 logradouros dos quais 3 pavimentados e 4 arborizados, 100 prédios e uma usina elétrica. Um posto de atendimento médico, o SESP- Serviço Especial de Saúde Pública e um enfermeiro.

### **Rede educacional**

Na sede, duas escolas do então Ensino Primário de 1ª a 5ª série, 29 na Zona Rural.

### **Manifestações folclóricas e cívicas**

Na primeira semana de maio festejos alusivos ao padroeiro São José do Operário. Festas juninas e natalinas. Dia 27 de abril era comemorado o aniversário da criação do município, considerado feriado municipal.



Vila Augusto Montenegro antiga sede do município

## 10 DINÂMICA DOS PREFEITOS A PARTIR DO SEGUNDO MOMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO.

(1947-1952) Antônio Serrão Vital, notabilizou-se pela construção de um prédio da Delegacia de Polícia, três casas residenciais para atender temporariamente funcionários públicos do Estado a serviço do Município. O muro do cemitério em madeira de lei e uma escola rural na Vila do Tabocal.

(1952-1956) Raimundo Nonato Moraes, sua administração ficou marcada pelo calçamento das primeiras ruas e apoio financeiro para construção da igreja de São José.

(1956-1960) Arão Távora Tundis. Construção do prédio da Prefeitura, um centro comunitário, estrada Silvério Néri do centro da cidade a baixada do Alambique e o calçamento de várias ruas.

(1960-1964) Raimundo Oliveira Anselmo. Enquanto coletávamos subsídios para montar este trabalho, um certo morador da cidade velha fez referências exóticas sobre o quadriênio desse administrador. Tentando esconder um sorriso irônico apontou: “Bem ali tinha um moirão de

piranheira fincado mais de uma braça pró fundo e um metro pra fora da terra onde era amarrado o cabo das embarcações. Todo mundo aqui sabe que essa foi a única realização de Raimundo Anselmo, pouca ou talvez nenhuma vocação teria tido para exercer o cargo de prefeito”. Nessa gestão o município ficou entregue ao abandono, ao esquecimento. A única realização foi a construção do prédio grupo Escolar Licínio José de Araújo, por determinação do então governador Gilberto Mestrinho.

(1964-1969) Felix Vital de Almeida, teve sua administração marcada por um conjunto de realizações partindo da cidade ao interior do Município. Construção da Praça Coronel Araújo, parque infantil Antônio Farias de Almeida, trapiche do porto da cidade, abrigo Coronel Soares, muro de arrimo para dar sustentação à frente da cidade. Mercado Municipal, extensão de energia elétrica até a baixada do Alambique, duas escolas rurais no paraná do Comprido, início do calçamento da estrada Silvério Néri, extensão das ruas da sede, serviço de abastecimento de água, aquisio de um terreno para o prédio do Fórum Judicial, Almoxarifado Municipal, aquisio de três motores de luz, sendo um para a sede do Município, um para a vila de Itapeaçu e o outro que foi negociado com motores menores para atender às vilas de Recreio, Alves, Silva, Tabocal, Santo Antnio do Comprido e São Benedito, foi construída a residência oficial do prefeito municipal, manteve conservada a estrada que liga a cidade ao paraná do Aicurucaia, incluindo a que liga o rio Amazonas àquele paraná.

(1969-1973) Arão Távora Tundis e vice Ranulfo Serrão Monteiro, ambos funcionários do Estado. O primeiro, técnico em contabilidade, fazendário, filho de Joaquina Correia da Silva e de Francisco Silvério Tundis, italiano. O vice-prefeito, professor, filho de Antnio da Cunha Monteiro e de Eulália Serrão Monteiro, todos amazonenses. Realizaes: Assistência  Zona Rural emprestando apoio aos juticultores, plantadores de roça e a pecuaristas, atendendo-os pessoalmente em suas comunidades. Edificou quatro escolas nas localidades: Paraná do Comprido, Terra Grande e no paraná do Ramos. Atendendo a solicitao formulada, a 29 CR instalou a Junta de Serviço

Militar no Município. Ampliou o sistema de abastecimento d'água, construiu o muro de arrimo de proteção da cidade, isto é, ampliando o que fora feito na administração anterior. Pavimentou em concreto a avenida Eduardo Ribeiro, criou o bairro novo, calçou 600 metros da estrada Silvério Néri. Construiu o prédio do Fórum, o muro do cemitério São José, dois alojamentos em alvenaria para professores. Em parceria com a SEDUC foi fundado o ginásio (curso de 5ª a 8ª série), que passou a funcionar no colégio Licínio José de Araújo. Através de um convênio com a Secretaria de Saúde, construiu a Unidade Sanitária do Município. De 1970 até o fim de seu mandato, Arão Tundis teve sua administração perseguida por grandes enchentes do rio Amazonas. A situação foi constrangedora, ainda assim com todos esses vexames, Tundis soube encarar os enormes prejuízos que gravemente atingira os ribeirinhos, dando toda assistência com o aval do governo enviando ambulância, generos alimentícios e auxílio a moradias improvisadas, com madeiras em geral a população.

(1973-1977) Felix Vital de Almeida, eleito, assume o segundo mandato, tendo como vice-prefeito seu irmão Ambrosio Vital de Almeida, ambos urucuritubenses, Felix com 40 anos e o irmão 49, filhos de Antônio Farias Almeida e Jovelina Vital de Almeida.

Nessa gestão Felix recebe o Município com as finanças um tanto precárias, com registro de débitos. O patrimônio municipal em sua maior parte, prédio e outros bens em estado deteriorante em consequência as sucessivas enchentes grandes do rio Amazonas. Com os recursos próprios do Município, Fundo de Participação e Fundo Rodoviário Nacional conseguiu controlar as despesas, regularizar as finanças e realizar obras relevantes, inclusive a implantação da nova sede de Urucurituba. Com a Lei municipal nº 7 e Decreto nº 10, de junho de 1976 criou e regularizou o Setor de Terras e Produção Agrícola num raio de 20 Km Norte Sul, Leste e Oeste, partindo do centro urbano da cidade nova o que gerou uma receita aos cofres públicos do município com a legitimação de títulos, impostos prediais, territoriais e outros.

## 11 UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA NOVA SEDE DE URUCURITUBA.

Assim como na administração de seu antecessor, Urucurituba continuou sendo castigado pelas grandes cheias do rio Amazonas nos meses de maio e junho, o que trouxe enormes prejuízos à antiga sede municipal, e aos ribeirinhos. Não é desnecessário lembrar que no século XX foram registradas as maiores enchentes do rio Amazonas nos anos de 1922, 1944, 1953 (a maior), 1972, 1973, 1974, 1976, 1982 e 1989 atingindo as cidades localizadas em terreno de pouca elevação, à margem do rio Amazonas e seus afluentes, como no rio Juruá, Tefé, Purus e Madeira cujo volume das águas é mais intenso nos meses de abril e maio.

É sabido que de quatro em quatro anos o leito do rio Amazonas sofre mudanças, desvios, etc., dando origem ao fenômeno da terra caída tão comum em toda a extensão do alto, médio e baixo Amazonas de tal maneira que nem mesmo as margens de terra-firme são capazes de resistir, como aconteceu na cidade de Juruti-Pará na década de 1980, município limítrofe a leste de Parintins. A rua da frente daquela cidade com prédios públicos em alvenaria, prédios de madeira e particulares foram arrastados emavas contínuas em consequência à forte erosão que corroera o leito formando um perau profundo à margem do rio naquela cidade. Com a chegada de famílias do nordeste do Brasil e estrangeiros oriundos de Portugal e da Itália, mestiços do baixo Amazonas no final do século XIX e começo do século XX, toda essa gente que se aglomerou no local onde mais tarde seria a sede do Município de Urucurituba, jamais teria imaginado que a pequena cidade seria vítima de consecutivas erosões das águas do rio Amazonas, quer viesse ocorrer em cheia grande ou média. Com as grandes cheias e o desgaste contínuo do terreno da sede do Município, mais violento no começo da década de 1970, tornar-se-ia necessária e urgente a mudança da Prefeitura para uma localidade que pudesse oferecer condições satisfatórias ao desenvolvimento urbano inclusive para servir de abrigo à população



da várzea no período da cheia. As terras da Vila Augusto Montenegro, Urucurituba velho, como é assim chamada a cidade até hoje, cujo local é constituído de massapé, retalhado por baixadas pantanosas de tal maneira que numa cheia volumosa sobra pouco ou praticamente nada de terra-firme. Nestas circunstâncias parte da população atingida teria de se retirar e procurar abrigo em terra-firme noutros municípios distantes oito a 12 horas de barco motorizado.

As grandes inundações de várias cidades à margem do rio Amazonas e seus afluentes causaram a partir de 1970 transferências da sede de alguns municípios para terrenos mais elevados como por exemplo, o Careiro para o lugar denominado Castanho, assim como Boca do Acre à terra-firme do Pequiá.

### **Urucurituba um caso especial**

A mudança da sede de Urucurituba para as terras da costa do Tabocal já era uma antiga aspiração de muitos moradores que povoaram a terra do denominado sítio Urucuri. Após anos e anos sempre que o assunto era lembrado, virava alvo de muita polêmica e em certos momentos até intrigas, rivalidades, ressentimentos pessoais e, por incrível que pareça até hoje esses desencontros podem ser percebidos. No momento em que era articulada a mudança da sede para um terreno mais elevado ventilou-se a idéia de alguns, que o local ideal poderia ser a vila de Pedras, mais conhecida por Itapeaçu, visto que já havia um bom começo para o desenvolvimento urbano e por ser menos oneroso aos cofres públicos. Ainda que tenha sido importante para muitos, a idéia, no entanto, não vingou. E assim prevaleceu a proposta para a Terra Preta do Tabocal visto que já havia sido feito um prévio levantamento da área onde seria fundada a nova sede do Município. Entretanto um segmento da sociedade daqueles idos, numa aparente razão, discordava da transferência da sede para o Tabocal insinuando que tal ato não passava de uma sublimada vaidade pessoal e política

do então prefeito da época, que contava com apoio representado por um outro segmento através do Legislativo municipal em sua maioria decisiva que se firmava cada vez mais no seguinte princípio:

1. Urucurituba não suportava mais sofrer os revezes provocados pela natureza das enchentes e o desgaste da frente da cidade pela terra caída.
2. Local inadequado para atender o desenvolvimento e expansão urbana.
3. Com a várzea toda inundada durante as cheias grandes o povo atingido não teria onde se abrigar.
4. A nova sede seria construída em terra-firme onde pudesse oferecer as melhores condições para o desenvolvimento e expansão urbana, progresso econômico e social.
5. O local serviria como ponto estratégico para os agricultores e pecuaristas que trabalham na várzea durante o verão e no inverno ou numa eventual cheia grande teriam onde se abrigar.

## 12 EXECUÇÃO DO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO, CONSTRUÇÃO E MUDANÇA DA SEDE DO MUNICÍPIO.

Mais de quatrocentos homens das comunidades de Santa Cruz, Ponta Grossa, do paraná do Moura, do Raminho, Arrozal, Costa do Amazonas, Agostinho, Tapera e Tabocal, munidos de terçados e machados participaram do desmatamento no local previamente estabelecido onde seria construída a nova sede municipal de Urucurituba. A Festa do Puxirum, assim denominada aconteceu em 27 de outubro de 1973. Nesse mesmo dia se fez presente o governador tenente Coronel João Walter de Andrade com alguns de seus acessores dentre os quais o Secretário de Saúde, Dr. António Ricci, o superintendente da SUPLAN, Dr. Odilon Spinelli, vários prefeitos de municípios vizinhos e o comparecimento que contou com mais de duas mil pessoas.

Com um veemente discurso improvisado, o governador João Walter de Andrade elogiou a iniciativa do prefeito, mas ao mesmo tempo disse que não acreditava no erguimento de uma cidade em selva bruta, citando o fracasso da sede de Boca do Acre e Careiro, onde o governo investira muito dinheiro sem que houvesse resultado promissor. Usando da palavra o prefeito Felix Vital não se intimidou e respondeu ao governador: “Irei em frente, com ajuda ou sem ajuda dos governos maiores, tentarei junto com o povo construir a nova sede do Município, visto que o povo não pode mais ficar persistindo em morar dentro d’água”.

Convencido da precária condição do Município o governador determinou que o ICOTI fizesse o levantamento topográfico, planta da cidade, incluindo leis, normas e projetos de zoneamento para facilitar a implantação da Nova Urucurituba.

A Prefeitura constituiu uma comissão com três membros tendo a frente desse trabalho Alexandre Gomes da Silva que passou a administrar as obras. Mediante o levantamento do ICOTI o governo municipal providenciou em caráter provisório:

Escola, abastecimento d’água, luz e energia, posto de saúde e outros empreendimentos para atender necessidades urgentes. Abriram-se ruas, estabeleceu-se o loteamento dos terrenos destinados à construção de casas residenciais e prédios públicos. Procedeu-se a abertura de acesso à vila de São Sebastião com três mil metros de extensão ligando a nova sede, uma via do centro da sede ao lago do Arrozal com uma extensão de cinco mil metros, uma escadaria de acesso e decida à margem do rio Amazonas. Com o Fundo Rodoviário a prefeitura adquiriu um trator de esteira marca Malves e uma basculante marca Ford para serviços de cargas pesadas.



Dantes uma selva, hoje um aglomerado urbano.

### 13 TRANSFERÊNCIA DA SEDE DO MUNICÍPIO

A Câmara Municipal em seção solene decretou a transferência definitiva da Sede Municipal, através da Lei nº. 2/75, de 24 de outubro de 1975, no seu artigo 1º. Pelo artigo 2º, essa Lei promove Urucurituba (nova) à categoria de cidade, procedendo o que concerne o artigo 122 da Emenda Constitucional nº. 1, de 30 de setembro de 1970 da Constituição Estadual. No artigo 3º a ex-sede municipal passa a ser denominada de vila Augusto Montenegro. O artigo 4º da mesma Lei Estadual autoriza o Prefeito proceder a mudança dos órgãos administrativos para a nova sede.

O legislativo era representado pelos vereadores Cristóvão Martins Dias, Mariano Ramos de Oliveira, Leôncio da Silva Tundis, Álvaro Vital, Osvaldo Arruda dos Santos, Demócrito Serrão de Araújo e Manoel do Nascimento Almeida. Tendo como presidente do parlamento municipal o vereador Cristóvão Martins Dias.

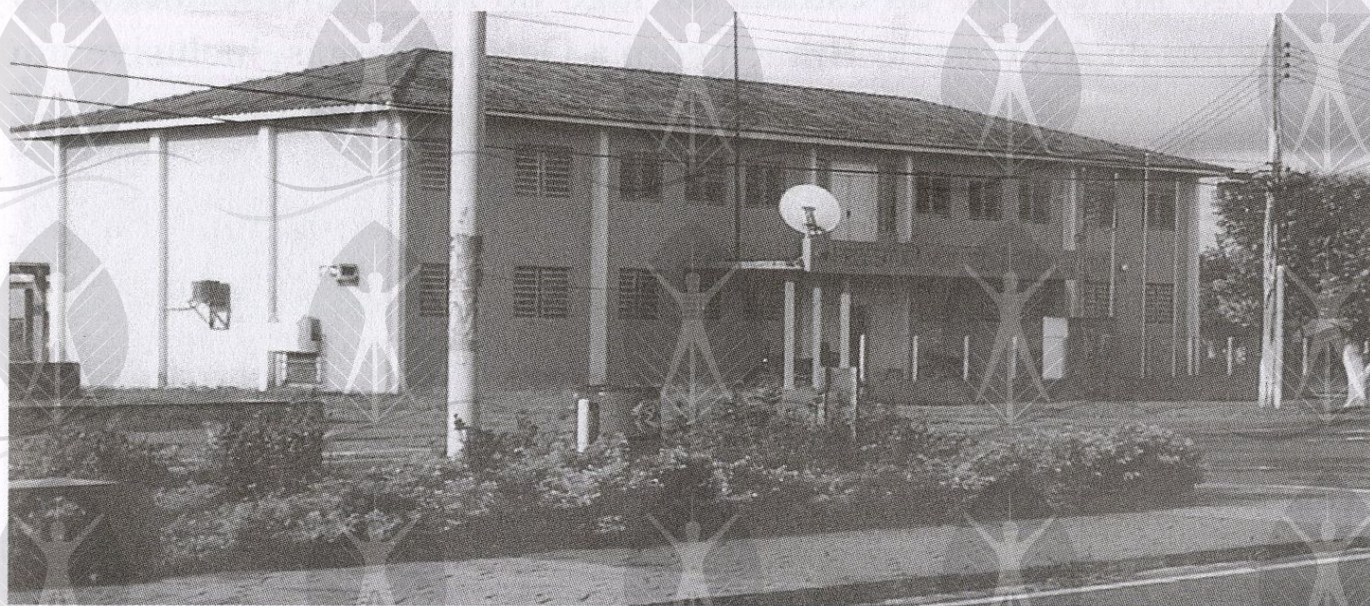
Em 24 de janeiro de 1976 aconteceu a inauguração da nova sede de Urucurituba, localizada na microrregião Sul do Município no arquipélago Tupinambarana à margem direita do rio Amazonas.

## 14 OUTROS EMPREENDIMENTOS EXECUTADOS PELA PREFEITURA E PARTICIPAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO. QUADRIÊNIO 31.01.73 A 31.01.77.

Foram construídas duas escolas no lago do Arrozal, duas no paraná do Preto, uma no paraná do Moura, recuperação da escola de Terra Grande em Urucurituba e outra na vila Alves. A vila de Itapeçu foi urbanizada com abertura de dois mil metros de ruas e na mesma vila a instalação de um grupo gerador marca Yamar. Adicionou-se outros empreendimentos como a construção do Monumento Histórico do Município, Órgão Rodoviário, 15,000 m<sup>2</sup> destinados ao Cemitério Municipal, área para construção do Estádio Arrudão, a reestruturação do quadro de funcionários e o Serviço de Terras e Produção.

Participação do Governo do Estado, gestão Enoch Reis:

Construção da usina CELETRAMAZOM, Serviço de Telecomunicação, prédio da Exatoria de Renda e residência do exator, dois mil metros de meio fio, prédio da Prefeitura Municipal e da Escola Estadual Maria Arruda.



Prefeitura Municipal - Av. Castelo Branco.

## 15 ADMINISTRAÇÕES NO FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI.

(1977-1983) A administração de Manoel Antônio Vital, Vice-prefeito: Leôncio Tundis, notabilizou-se pela construção do Hospital Silvério Tundis e assistência médica nas comunidades de vila Augusto Montenegro, Itapeaçu através de convênio com a SESAU. Manutenção de escolas no interior supervisionadas pela Secretaria Municipal de Educação. Na sede construiu o prédio onde funcionou a Escola Antônio Libório localizada onde hoje é o garajão. Abrigo municipal ao norte da avenida Arco-íris, Fórum Ari Montinho, aquisição de uma máquina para beneficiamento de arroz, escadaria em concreto na Terra Preta do Limão, construção da praça Vicente Limongi, arborização da Av. Castelo Branco. Manteve equilibrada as finanças do Município passando com saldo positivo ao seu sucessor.

(1983-1987) Alexandre Gomes da Silva, Vice-prefeito: Getúlio de Almeida Pontes, teve sua administração marcada por várias escolas construídas no interior do Município, o prédio da Câmara Municipal, um abrigo no término da estrada do lago do Arrozal, calçamento do cruzamento da Av. Castelo Branco com a Getúlio Vargas, inclusive um abrigo que servia até então, como feira. Arborização da Av. Arco-íris com jambeiros.

Percebendo uma série de irregularidades político-administrativas, a Câmara Municipal acatou uma grave denúncia popular que logo foi encaminhada ao Tribunal de Contas do Estado, o que veio como resultado a intervenção Estadual e o afastamento do executivo municipal Alexandre Gomes Silva. Assumiu como interventor o senhor Fernando Vitalino, de 1987 a 14 de junho de 1988. Em 15 de junho assume o segundo interventor José Ivam Rodrigues até 31.12.88.

(1989-1992) Felix Vital de Almeida, Vice-prefeito: Gerson Castro. Destaque das principais obras: Aquisição de veículos, caçamba, pá mecânica, trator de esteira. Construção do garajão para abrigar veículos, pavimentação em asfalto das ruas Jovelina Vital, Olívia Gomes,

Getúlio Vargas e travessas. Poço artesiano no bairro de São Lázaro, aquisição de um prédio na Av. Castelo Branco destinado à Secretaria Municipal de Educação, ponte do bueiro estrada do Arrozal, estrada do Raul, reforma da estrada do Arrozal, ponte do igarapé das Piranhas pela estrada que vai até a comunidade do Agostinho. Furo do Tabocal do rio Amazonas ao lago do Arrozal, abertura do canal do rio Amazonas ao lago do Agostinho para facilitar a entrada e saída de embarcação de médio porte. Estrada de Itapeçu a Terra Preta do Limão. Ampliação e melhoria da estrada que dá acesso ao Tabocalzinho, reforma da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição - Tabocalzinho. Ampliação (quatro salas e prédio anexo destinado ao pré-escolar) da Escola Maria Arruda convênio com MEC. Um prédio com salas para o Ensino Fundamental na vila Augusto Montenegro. Prédio da Vila Olímpia destinado ao funcionamento de uma escola municipal. Um prédio com (treze) salas para o Ensino Fundamental e Médio construído em sua maior parte com recursos próprios e o restante em parceria com a SEDUC, cuja instituição de ensino recebeu a denominação de: Escola Estadual Armando Kettle, numa homenagem ainda em vida a esse professor distrital.



Escola Estadual Maria Arruda - Zona Urbana.

Abertura de ruas e loteamento para construção de prédios residenciais e conjunto Felislândia, bairro que recebera a denominação São Lázaro, e o Centro Cultural Vicente de Castro localizado entre o Banco Postal e a Telemar.

(1993-1996) Sildovério de Almeida Tundis, Vice-prefeito: Júlio César Perdigão Miquiles, sua administração foi marcada com relevantes realizações, incluindo-se assim a estruturação do quadro de funcionários com abertura de concurso público para professores e cargos afins. Escolas construídas em padrão adequado com residência para professores nas comunidades do interior do Município, inclusive um prédio em alvenaria no término da estrada de acesso ao lago do Arrozal. Poços artesianos foram instalados na sede e no interior do Município. Foi construído o terminal rodoviário na Av. Getúlio Vargas. Aquisição de dois barcos possantes para atender as necessidades de emergência no Município. Reasfaltamento das avenidas Olívia Gomes, Jovelina Vital e travessas. O Município celebrou convênios com órgãos Estadual e Federal para que as instituições de Saúde e Educação e outros empreendimentos no Município não sofressem continuidade.

1997-2000 Com o slogan “Urucurituba não pode parar”, e com o respaldo político de seu antecessor, Salomão de Araújo Silva assume a Prefeitura, Vice prefeito: Mário Cavalcante tendo tudo para conduzir os destinos do Município naquele quadriênio, segundo a opinião pública. Depois diziam que ele não ofendia a ninguém, mas também não fazia nada. Teria construído algumas escolas no interior, inclusive um prédio em madeira na vila do Agostinho. Na sua gestão, com recursos exclusivos do Governo Federal foi construída a Feira do Produtor ao norte da Av. Arco-íris.

### **Não é proibido recordar**

O escasso desempenho da Administração no quadriênio de 1997 a 2000 gerou um farto descontentamento em toda comunidade urucuritubense, o que mobilizou alguns vereadores e a representação

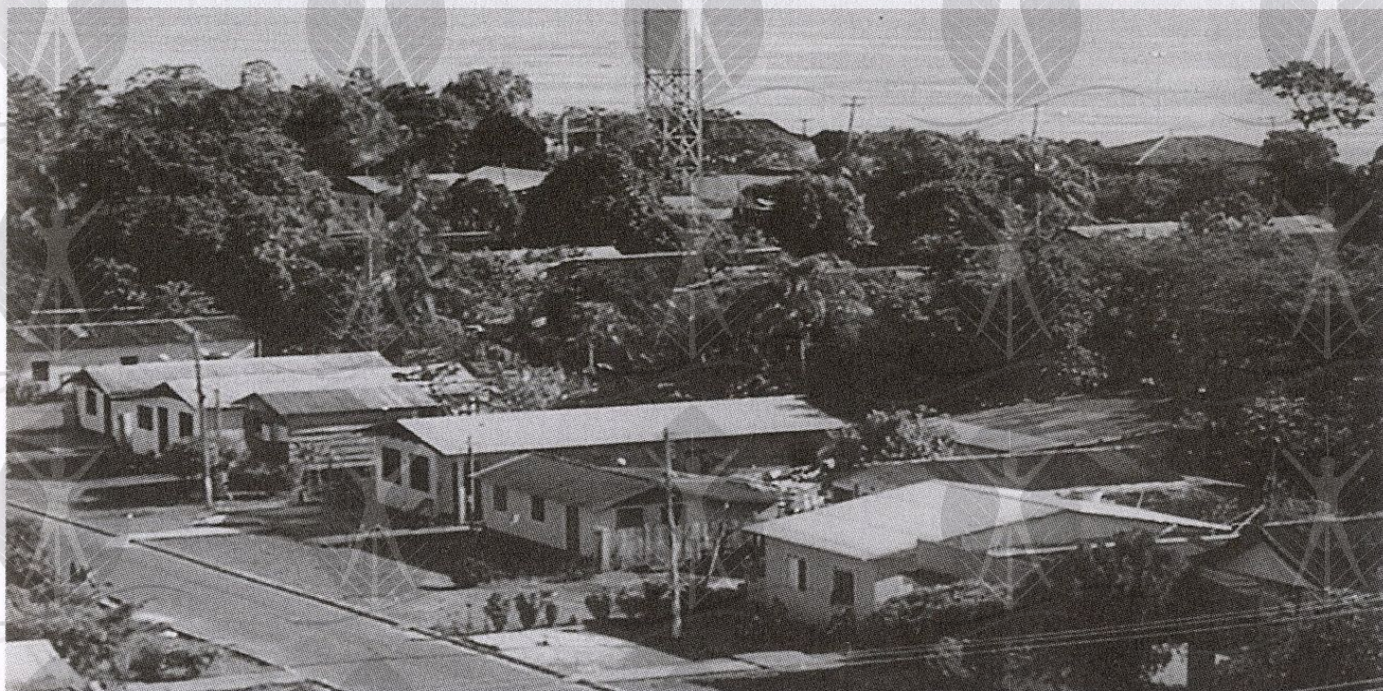


de vários partidos políticos que numa só frente arrolaram uma denúncia popular alegando, segundo os denunciantes, inúmeras irregularidades político-administrativas do executivo municipal. Considerado improcedente pela Câmara Municipal, o *impeachment*, caiu por terra.

### **Episódio gracioso**

Desiludidos com a permanência do prefeito no cargo, agora os partidos de oposição tentam converter em parceria a indicação de um eventual nome que seria proposto como candidato ao cargo majoritário nas eleições de 2000. O radicalismo, como é muito natural, dos segmentos partidários, obstruiu o consenso, prevalecendo interesses isolados, o que levou cada grupo político partidário a apresentar candidato próprio, ficando o contexto político rachado em cinco partes. Como não existe 2º turno venceu quem obteve apenas 1/3 da votação. Graças aquele jeitinho da democracia brasileira, ganha também para prefeito e governador quem obtém a minoria de votos numa eleição.

### **Outros Aspectos urbanos**



Vista Parcial - Zona Oeste ao fundo, terra alta, margem direita do rio Amazonas.

(2001-2004) Felix Vital de Almeida, Vice-prefeito: Gerson Dolzanes Kettle pela 4ª vez assume o mandato de prefeito. Realizações: Reforma e ampliação do prédio Vicente de Castro (entre o Banco Postal e a Telemar) transformado em nova sede do Poder Executivo. Em convênio com órgãos da União, do Estado e recursos próprios foi construído o Posto Médico Gerson Kettle, Casa do Idoso, o Centro de Geração de Rendas, escolas, poços artesianos na sede e no interior do Município. Ainda com recursos da União e do Estado em parceria com o Município foi modernizada a iluminação pública respectivamente na avenida Arco-íris e Castelo Branco, urbanização e pavimentação urbana e suburbana, e aquisição de transportes.

Para o quadriênio 2005 a 2008.

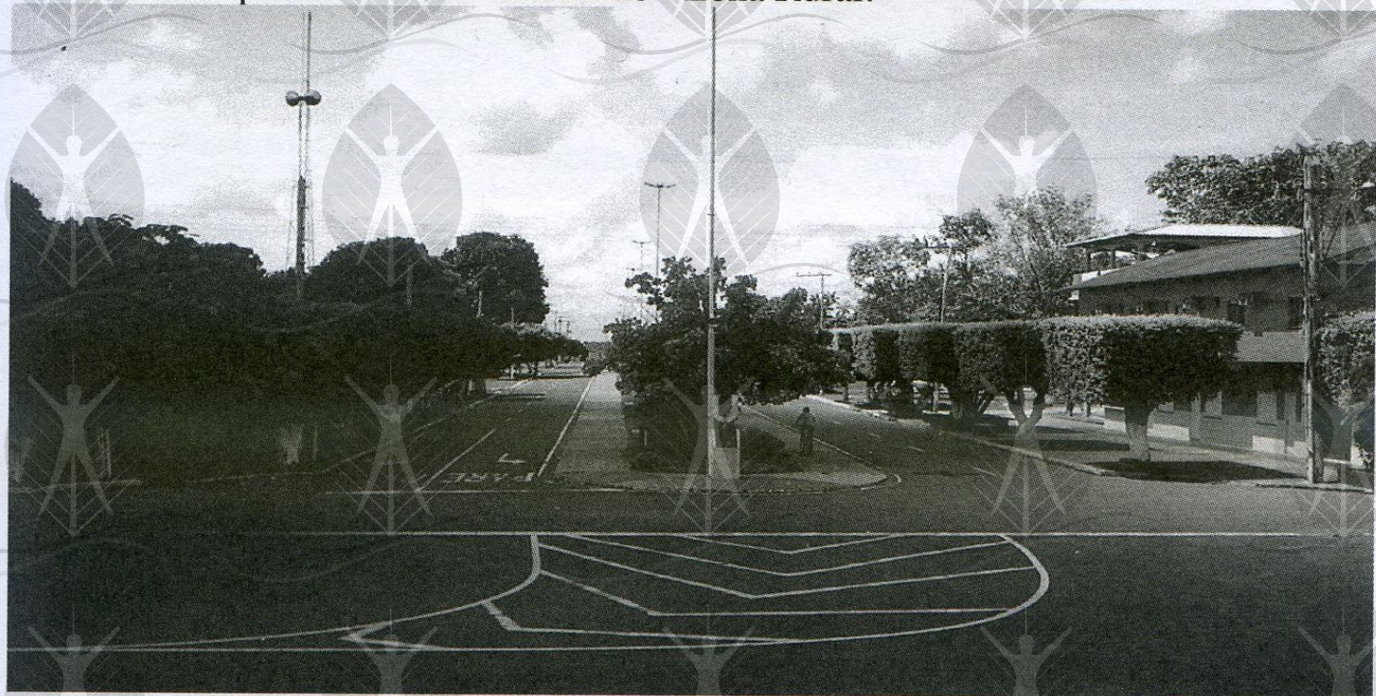
Prefeito: Edvaldo de Araújo Silva, Vice: Claodenor Pontes.



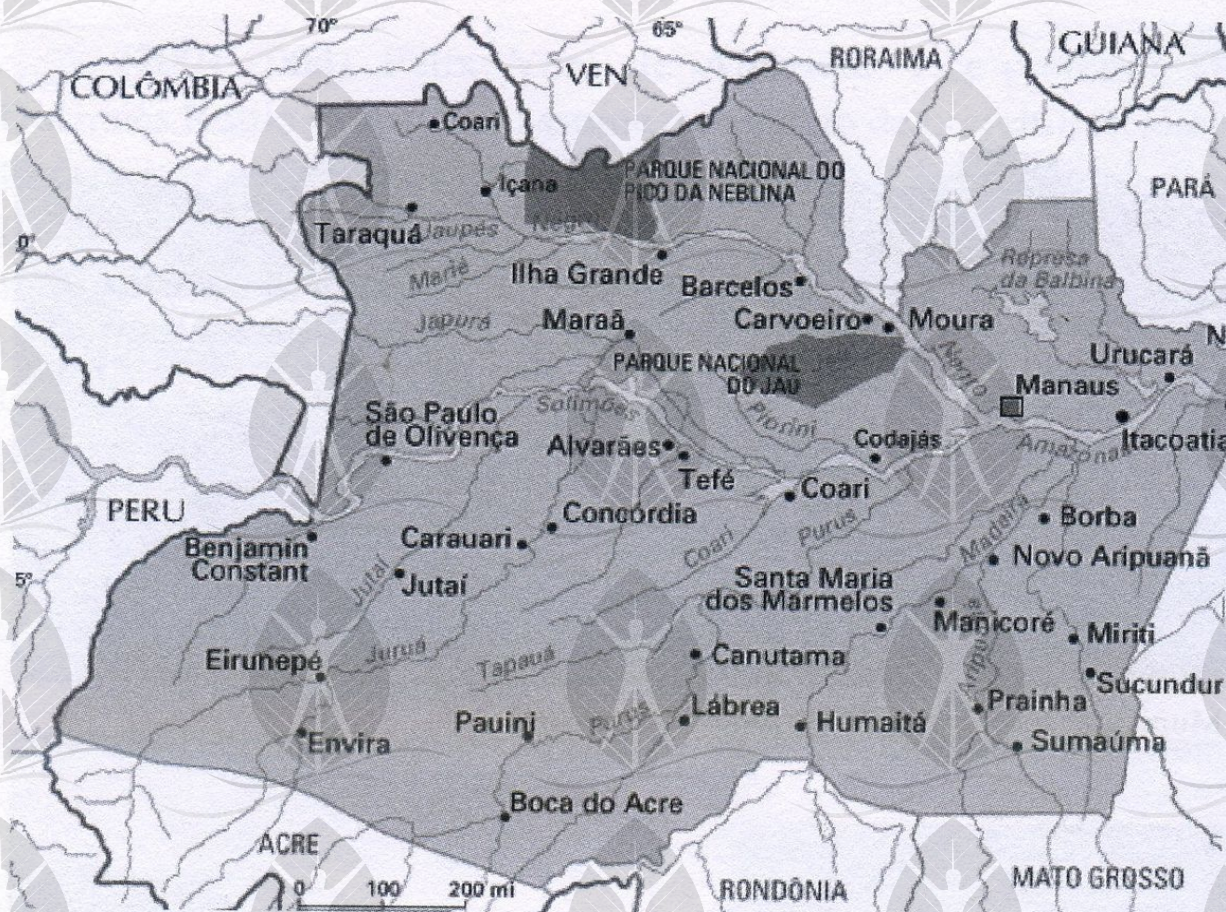
Abrigo do porto da estrada do Lago do Arrozal.



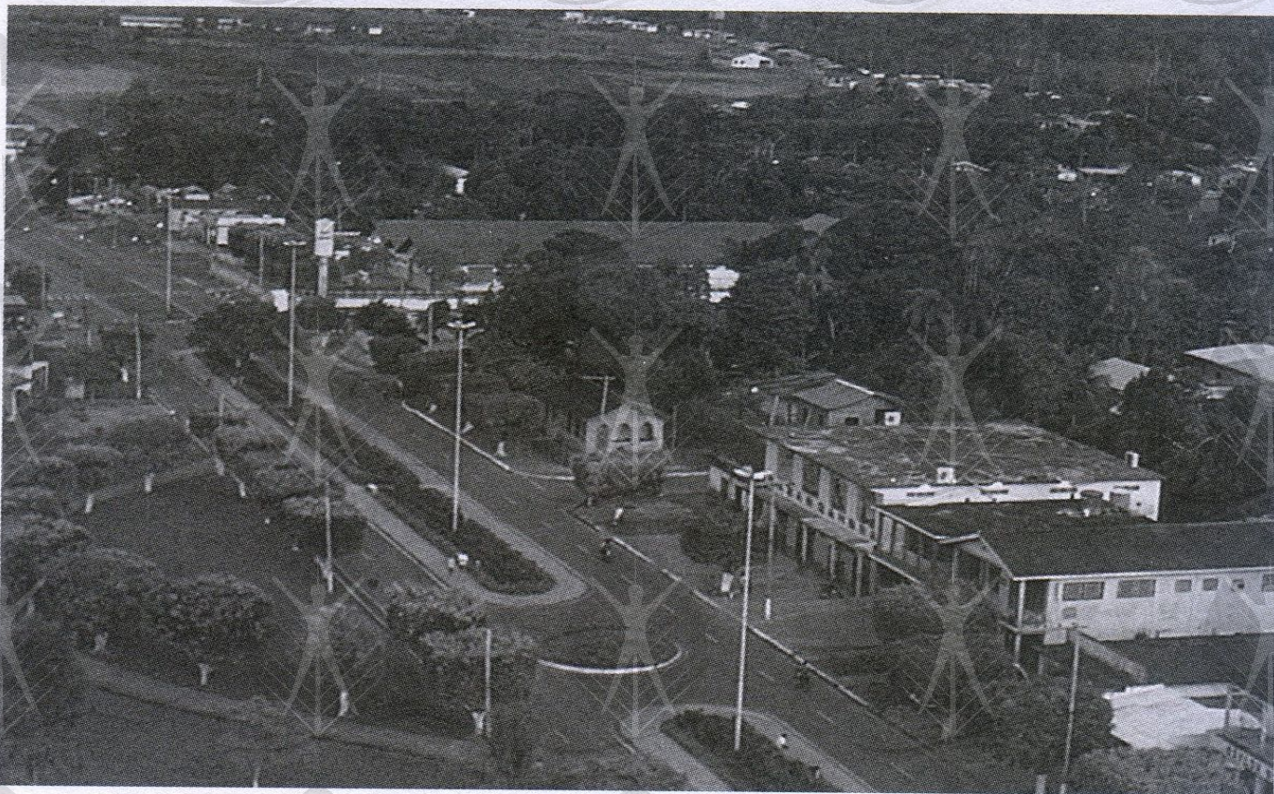
Escola Municipal José Carlos Mestrinho - Zona Rural.



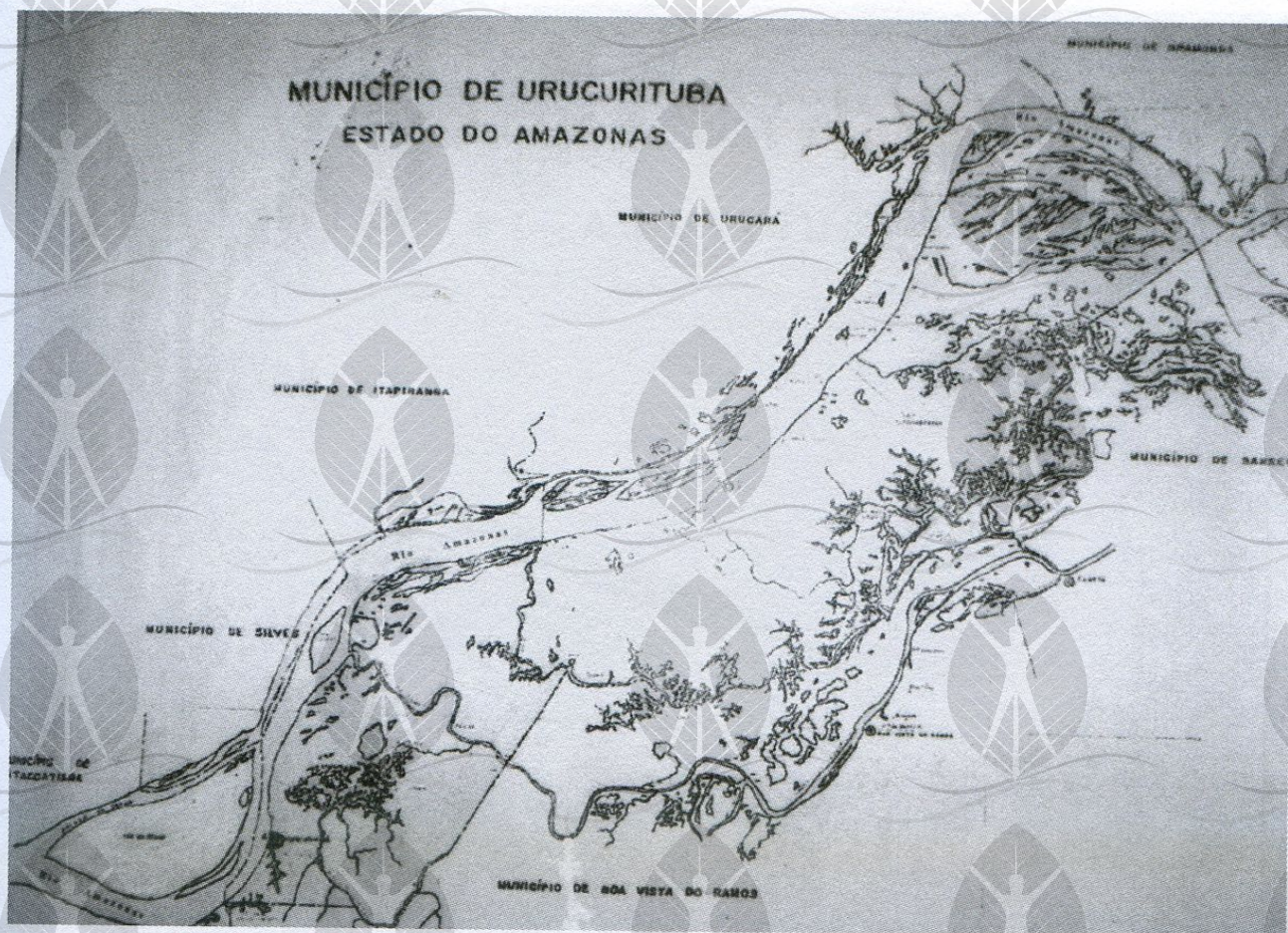
Monumento da fundação da cidade - Av. Castelo Branco



Mapa do Estado do Amazonas



Vista Parcial -- Av. Castelo Branco - Zona Central e Vila Olímpica, na Zona Leste, ao fundo.

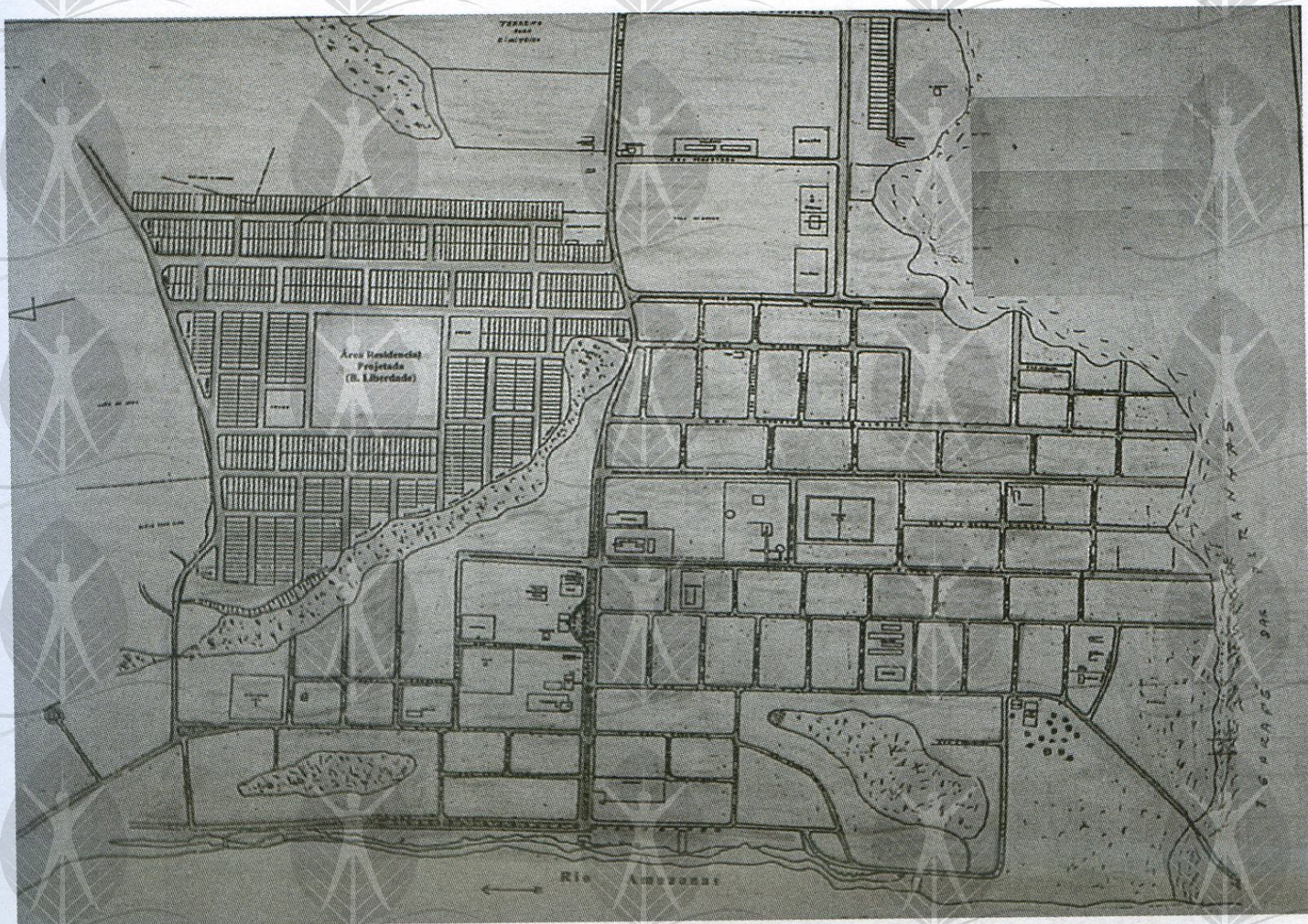


Mapa do Município de Urucurituba

# PLANTA DA ANTIGA SEDE DE URUCURITUBA—1929

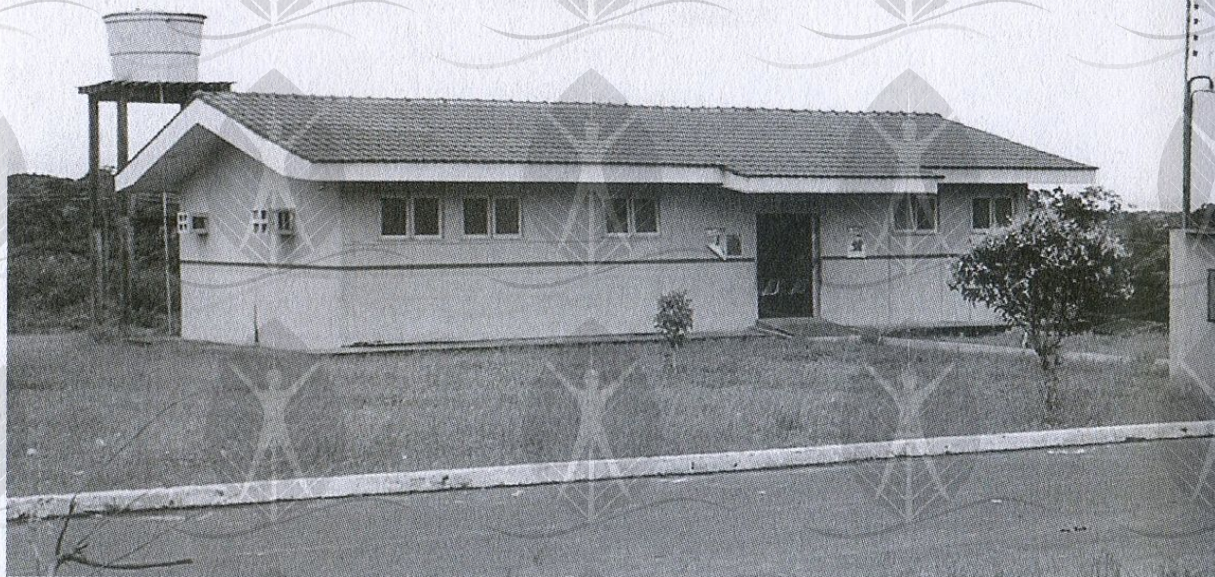


Planta da Cidade Velha, 1929. Cortesia do desenhista Rosemberg Menta.



Mapa da Cidade de Urucurituba Atual

## Alguns aspectos urbanos e rurais

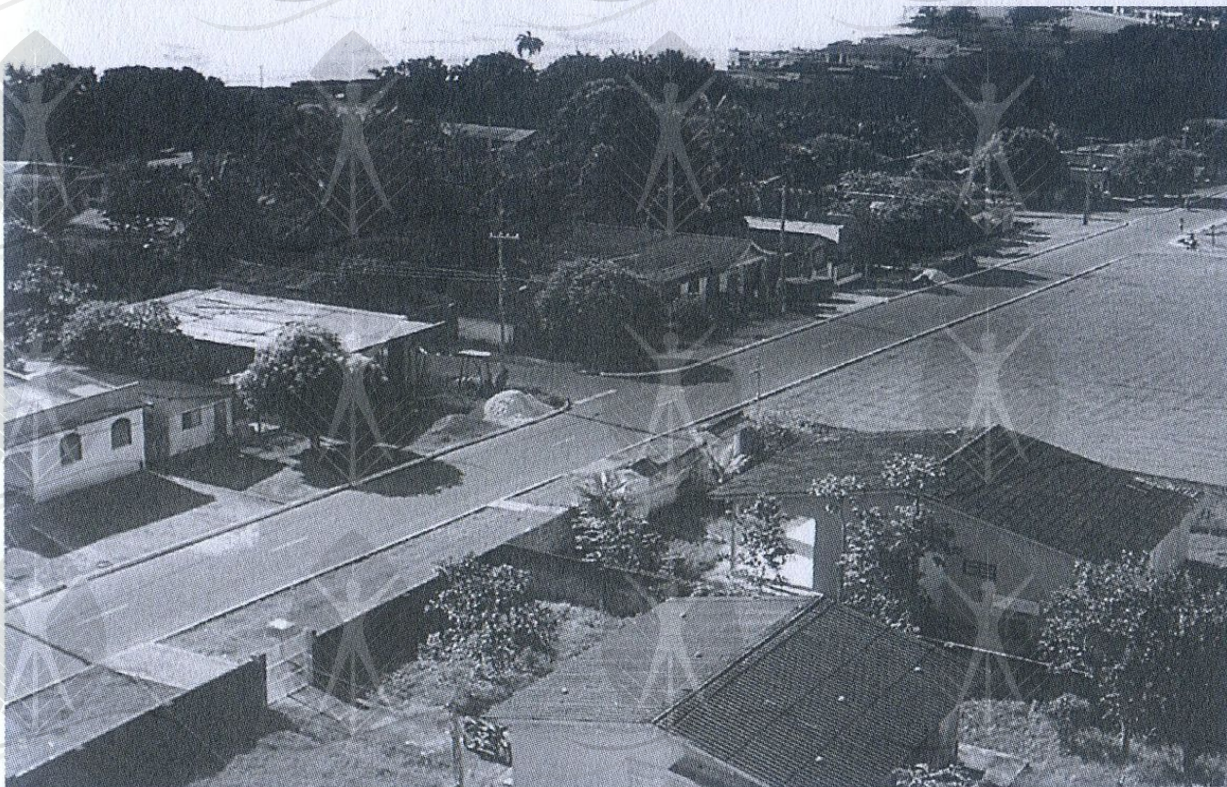


Posto Médico Bairro Aparecida.

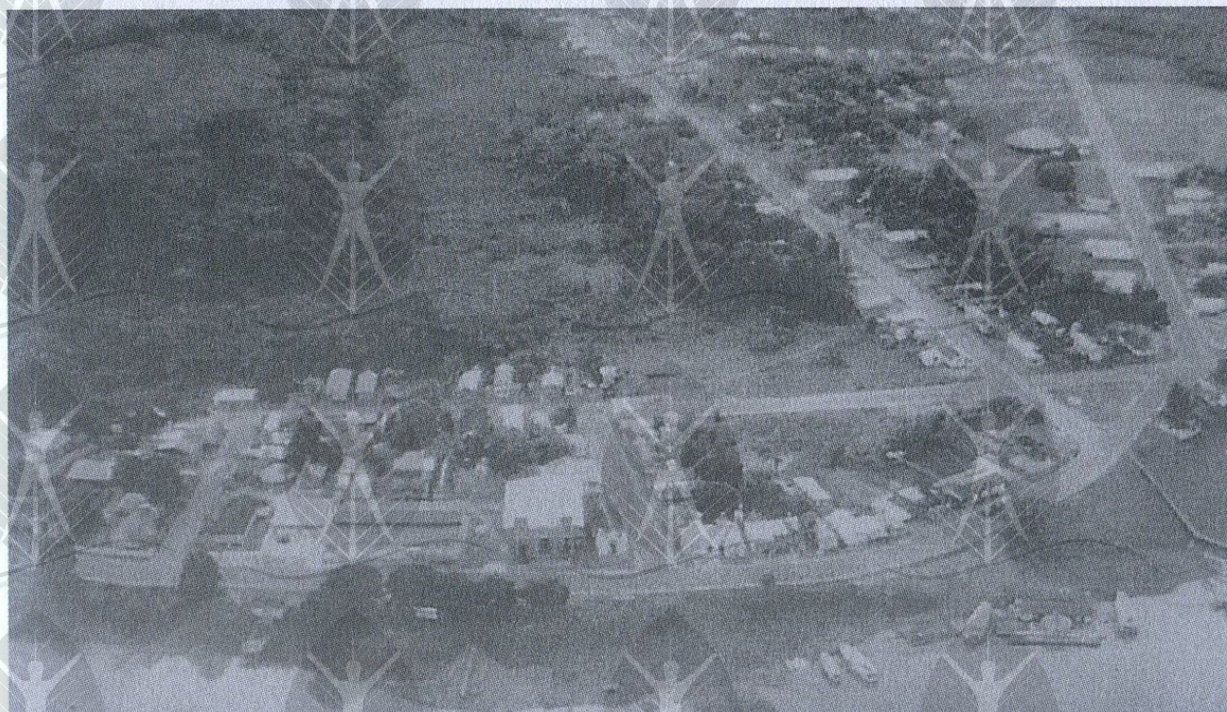


Lago do Canarana.

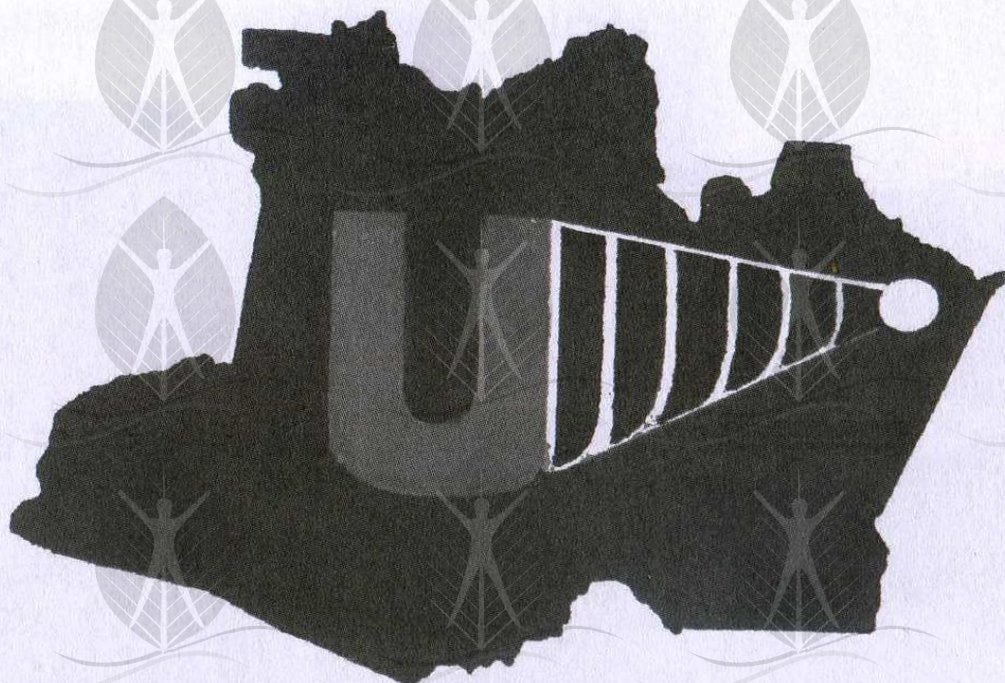




Vista parcial da cidade - Zona Oeste - ao fundo Ilha do Risco.



Itapeçu: Felicidade, com rua asfaltada, escola e hospital novos (Biblioteca Escolar Maria Arruda).



Distintivo da terra do cacau, Urucurituba, emanando seus raios naturais desde 1895, com uma “economia baseada no extrativismo tendo como principal produto o cacau, do qual é responsável por 80% de toda a produção do Estado do Amazonas”.

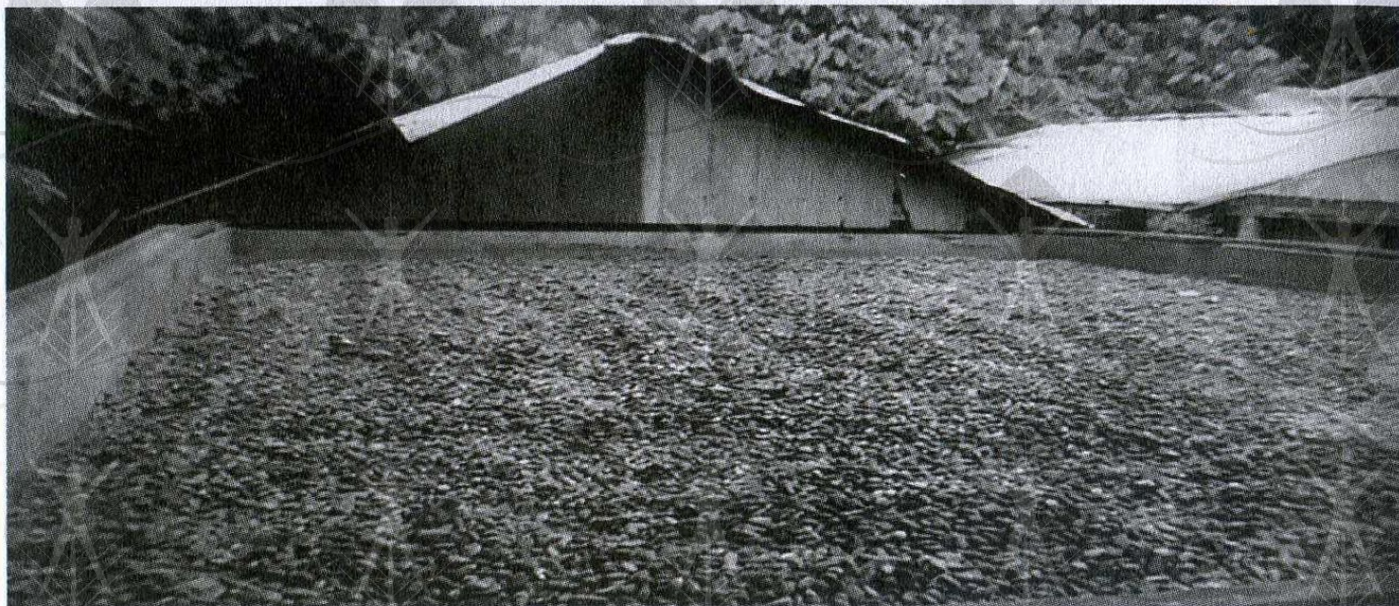


Dona Titita, nonagenária, colhendo bons resultados de uma safra de cacau.  
(Foto do autor)



(Cortesia do IDAM)

Num gavetão - secadouro - sob um tendal a semente do cacau é espalhada para receber sol, movida de vez em quando pelo produtor durante alguns dias até ficar bem enxuta. Bem seco ou no ponto o produto é posto num saco de fibra, pronto para exportação.



(Tendal de secagem - Cortesia do IDAM)

Do cacau nada se perde, tudo é aproveitado. Da polpa é feito o vinho, o licor, a geléia e o cacauari.

Da semente, o chocolate, o doce e o óleo. A casca é um excelente adubo.

Cultivado pelos maias e astecas em época distinta, o cacau foi por eles considerado um dos principais produtos destinados ao consumo interno e a comercialização com os estados periféricos que estavam sob o domínio desses dois povos na Meso-América.

Dessa região mexicana, ao longo de séculos ainda distante da conquista ibérica, grupos de agricultores em levadas teriam emigrado chegando ao baixo e ao médio Amazonas trazendo consigo o cacau e outros vegetais nobres à região.



Tronco de um cacaveiro na várzea carregado de belíssimos frutos. Cortesia do IDAM



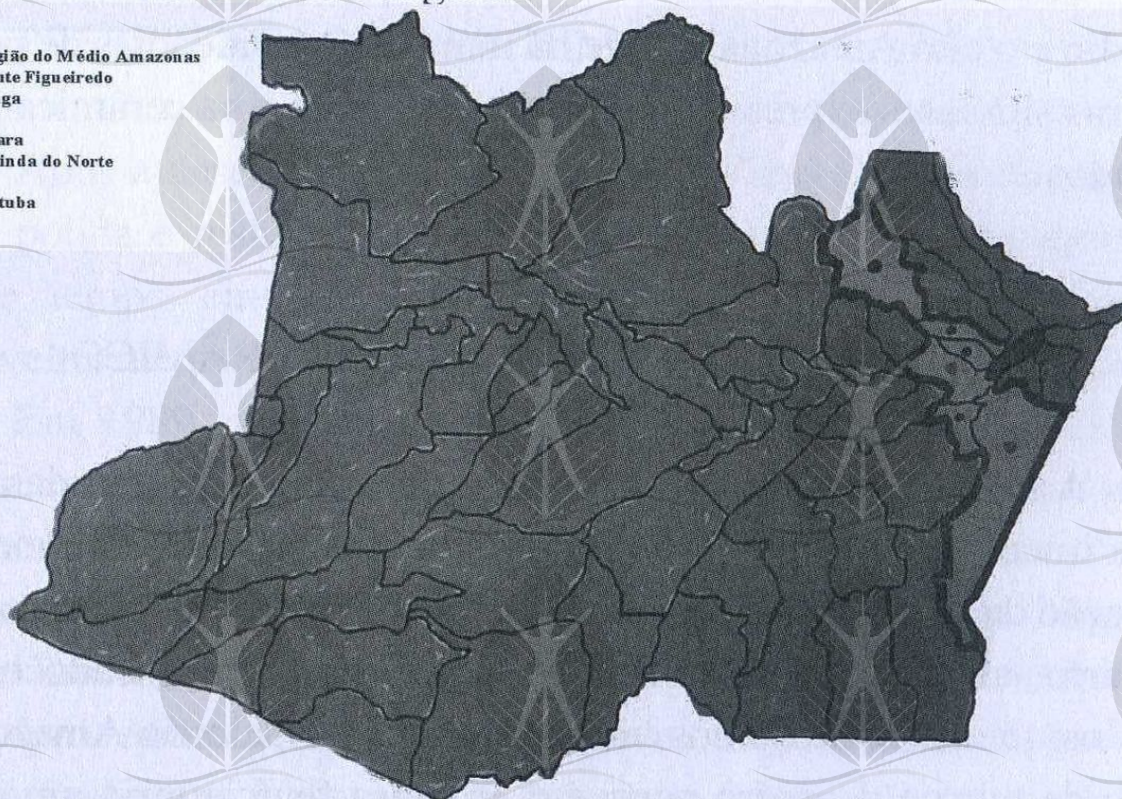
## VISLUMBRES DE CIVILIZAÇÕES EXTINTAS

*Naveguemos um pouco pelo rio Amazonas, pelos seus afluentes, no bergantim dos tempos passados, e logo vamos ver que a região de Urucurituba na antiguidade foi parte de uma das mais importantes e enigmáticas civilizações já existentes no mundo das Américas.*

Perfil extraído do Instituto de Terras e Colonização do Amazonas – 1985. adaptado pelo autor.

Parágrafo único do Artigo 130 da Constituição do estado. Promulgada em 05/10/1989 referente espaço territorial do Estado do Amazonas em nove de sub-regiões.

- Sub-Região do Médio Amazonas
- Presidente Figueiredo
- Itapiranga
- Silves
- Itacoatiara
- Nova Olinda do Norte
- Maués
- Urucurituba



Urucurituba, ponto de referência cultural do médio Amazonas, em cujo solo de terra-firme em diversas paragens ao sul do Município são predominantes vestígios de habitação permanente e temporária de sociedade indígenas que nuna antiguidade bem distante da conquista ibérica habitaram a região.

## 1 SOCIEDADES DE CULTURAS E LÍNGUAS DIFERENTES.

Da foz ao alto Amazonas, quando por ele percorremos, logo é possível perceber que em muitas paragens à margem desse rio e de seus afluentes, em tempo remontíssimo, a região teria abrigado inúmeras sociedades de culturas e línguas diferentes. Muitas dessas sociedades tiveram duração estável, não obstante, ao longo dos séculos, foram gradativamente absorvidas de diferentes modos por outras sociedades mais poderosas, o que deu origem a grupos de línguas desassociadas. Outras bruscamente desapareceram, talvez em consequência de alguma peste assolada na região. Ainda outras, oprimidas por invasores oriundos de regiões mais distantes do próprio continente e do exterior, foram esquecendo ou perdendo suas identidades culturais.

Tudo isso pode ser muito bem visto quando focalizamos o baixo, o médio e o alto Amazonas, onde há numerosas evidências de povos de culturas similares expressas nos objetos de pedra e na cerâmica por eles deixados.

## 2 ENCONTRADO O PRIMEIRO VASO CERÂMICO

A região urucuritubense pode ser considerada uma das malhas dessa imensa rede cultural, haja vista que nos primeiros momentos da fundação da cidade nova casualmente foi encontrado o primeiro esquite de barro, atribuído por intelectuais da época, como sendo obra dos fenícios que há muitos anos viviam trafegando pelo rio Amazonas em busca de ouro e de cedro porque a empresa fenícia teria um contrato para a extração dessa madeira, destinada a colunas e dependências internas da casa real, da nobreza e do templo de Jerusalém no reinado de Salomão. Mas segundo os arqueólogos, etnólogos e historiadores atuais, a teoria acima é ultrapassada.





Primeiro esquife de barro encontrado na cidade nova. Pertence ao acervo municipal.

### 3 PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

Após a descoberta do primeiro vaso funerário outros objetos de pedra polida e restos cerâmicos foram encontrados pelos moradores. Houve tempo em que inúmeras peças tomaram rumo ignorado, provavelmente para outros estados ou até mesmo para fora do país.

Em 1989 sugerimos ao Município providências no sentido de determinar um local ainda que fosse provisório, para a guarda das peças existentes e outras que possivelmente seriam encontradas. A época repassamos mais de duzentas peças incluindo diversos vasos, fragmentos em cerâmica e instrumentos de pedra polida que adicionadas as do Município resultou em trezentas unidades, hoje todas catalogadas. Até 1992 a Prefeitura manteve convênio com instituições culturais tendo por meta a orientação e a preservação do patrimônio étnico-histórico do Município instruindo um movimento para a fundação do museu arqueológico.

Particularmente mantemos um acervo com mais de duas mil peças, sendo que mil e setecentas estão inventariadas, cada elemento com sua história e procedência. As peças em sua maioria são produtos

de pesquisas realizadas em vinte sítios. Infelizmente vários desses campos arqueológicos foram remexidos e destruídos pela ação de máquinas pesadas tanto na Zona Urbana como na Zona Rural em algumas comunidades. Ainda assim foi possível resgatar muitos desses artefatos. Também faz parte do acervo particular muitos outros materiais coletados em municípios vizinhos.



Urna mortuária em cerâmica com caracteres autropomárficos. Coletado por Ednelson da Silva, 1981. Acervo municipal.

#### 4 CULTURA MILENAR

Ao entrar em contato com a exposição dos cacos muita gente curiosa e inquieta de saber, logo pergunta: Onde foi achado isso? A que tribo pertencia? Pra que serve isso? Quantos anos tem isso?

Na verdade muitas são as indagações e seria muito bom e interessante se houvesse resposta a contento para todas essas questões.

Num outro momento articulamos que o espaço urucuritubense de passados seculares não estaria isolado do contexto cultural pré-colombiano, o que significa que a região do alto, médio e baixo Amazonas ao longo dos séculos antes e depois de Cristo, servira de berço aos imigrantes das Antilhas, dos povos da baixada andina e os mais recentes tupinambás do litoral brasileiro que subiram o rio Amazonas acontecendo um provável reencontro dessas culturas principalmente com aquelas advindas do alto Tapajós, rio Madeira, Purus, Napo em cujos falares podiam ser distinguidos traços de diferentes etnias inclusive do predomínio tupi. Pensando profundamente nisso, como é que os tupis estariam subindo o rio Amazonas sem ter pelo menos uma noção de conhecimento prévio de ancestrais que viveram num passado remoto na região? Indaga argumentando o lingüista francês Henri Ramirez, professor da UFAM em visita ao nosso acervo.

Dia 3 de junho de 1542, sábado, véspera da Santíssima Trindade quando a expedição de Francisco Orellana estaria baixando aproximadamente a duzentos e trinta quilômetros da foz do rio Negro, mais pelo lado esquerdo do rio Amazonas, provavelmente no finalzinho da tarde ou à noite, o que teria furtado a percepção da enorme extensão de terra-firme da margem direita do rio Amazonas, possivelmente ocupada por aldeias indígenas onde se acha localizada hoje, a cidade de Urucurituba, o que poderia ter levado o capelão da frota, Gaspar de Carvajal, a se omitir em escrever os fatos que ficaram discretos ou como naturalmente pensam alguns ou acreditam outros, o cronista aquelas alturas já se sentia um tanto cansado, exausto de uma jornada que já ultrapassava mais de cinco meses.

É bom lembrar que nesse período do ano o rio deveria estar muito cheio e largo. A ilha grande, do Risco, abaixo de Itacoatiara talvez nem existisse. Se existisse, estaria em formação com uma vegetação restrita e jovem, pouco perceptível, submersa. Mais abaixo uma imensa enseada onde é o lago Canaçari. A expedição de Orellana passara bem perto do pé da colina onde está a cidade de Silves, margem esquerda do rio Urubu e, por essas bandas com certeza estariam os guanavenas e

caboquenas. Vê-se aí a enorme largura do rio Amazonas que num olhar daquela distância se perdia de vista o outro lado da margem da costa do Tabocal onde estariam os remanescentes de civilizações extintas ou num processo de miscigenação com invasores mais recentes dentre tantos, os tupis que subiam a região há muito tempo numa expansão rio Amazonas acima. E mais para baixo, com algumas exceções, os acidentes hidrográficos não seriam muito diferentes.

Nas últimas páginas deste trabalho faz-se referência ao que sugere os relatos do cronista Cristóbal de Acuña sobre o espaço entre Itacoatiara, Silves e Urucurituba, numa visão etnográfica cem anos depois da expedição de Orellana.



Alça com adornos: a representação de rã, fusos, cachimbos e contas de colar. Acervo do Autor.

De um modo geral, o solo escuro tanto na superfície bem como logo abaixo desta apresenta-se entremeada de resto cerâmico e de fragmentos de pedra polida expostos em camadas que podem variar desde 10 cm ou até muito mais de 1,50m de profundidade.

Terrenos de terra preta popularmente como são assim bem mais conhecidos, são constituídos de material orgânico acumulado no perpassar do tempo em que aí viveram sucessivos grupos humanos que não só pisaram esse chão como também foram acumulando restos de alimentos, carvão, cinza, dejetos e artefatos muitos destes até mesmo em perfeito estado de conservação são encontrados, pois isto se prende ao fato desses objetos terem sido utilizados em ritual funerário, como são bem identificados os potes bojudos de gargalo amplo ou reduzido, panelas, alguidares, caçarolas e jarros. Enquanto outros em sua maior parte completamente deteriorados, entulho de louças e pedaços de pedra polida.

Um sítio arqueológico pode apresentar até mais de três camadas de restos humanos dependendo do meio, do tempo e da maneira como foi habitado para manter aí, ainda que por acaso, o material preservado que ficou estendido na superfície e no interior do solo ao longo de séculos principalmente naqueles sítios onde o terreno é de superfície plana ou com pouquíssimas ondulações.

Nos terrenos em declive além do abandono de populações por alguma razão que a justifique, o lixo lá depositado gradativamente vai desaparecendo devido a intempéries em grande parte levado pelas enxurradas que podem deixar esses entulhos nos regos ou nas baixadas e, quando estas são alagadiças ou à margem de um rio ou lago, desaparecem totalmente nada restando para testemunho.

Os especialistas instruem que a primeira camada de material (cacos, pedaços de ferramenta, contas de colar, etc.) ou seja, aquela que se aloja no fundo do subsolo (1,50m) ou muito mais, indica ter sido dos primeiros ocupantes do local. Subindo um pouco mais, vê-se

logo a segunda camada indicando a existência de gente que aí viveu algum tempo. Nessa ascendência chegaria, portanto, a novos ocupantes até florescer vestígios de habitação mais recente com cacos e restos de ferramenta raso do chão ou dispersos na superfície.

A teoria acima parece aplicar mais àqueles terrenos sujeitos a intensas intempéries, que ao longo de um período em que foram ocupados por sucessivos invasores, sofreram modificações com aterros um atrás do outro apresentando quatro ou até mais extratos de ocupação.

Nas terras-firmes onde predomina a terra preta que é uma das características de habitação estável ou mesmo temporária, há quem possa afirmar que os restos de cerâmica e fragmentos de pedra polida encontrados no subsolo podem ter sido provenientes das seguintes causas: Num momento estacionai desfavorável à lavoura na terra-firme, a caça e a pesca, os grupos retiravam-se para a várzea, deixavam porções de seus utensílios e objetos de uso cotidiano, preferindo levar somente aqueles mais necessários: pedra de amolar, machado, paneiro, cesto, utensílio de caça e pesca, rede, cobertor, instrumento de pedra ou areia para produzir o fogo. O resto do material deixavam soltos, estendidos ou agasalhados em lugar próprio no interior da casa, quando não, enterrados à flor do chão, uma forma de mantê-los guardados e bem seguros durante aquela estação imprópria porque logo podiam retornar ao seu habitat. Por outro lado, esses objetos estariam protegidos contra um eventual ataque inimigo, vandalismo ou pirataria.

*Com um pedaço de embaúba seca mais ou menos 20 centímetros de comprimento por 6,0 de diâmetro, numa das extremidades era feito um buraco mais ou menos 1,5 centímetros de diâmetro.*

*O gomo oco era enchido com uma certa quantidade de areia bem enxuta. Um bastonete era introduzido no orifício. Com a palma das mãos era exercida pressão rolando o bastonete pra direita e para a esquerda. Momentos depois, uns estalos e em seguida uma explosão. O fogo estaria feito. Informação de um sateré-mauê.*

Outra causa sugere que esses grupos humanos, ao perceberem que estariam sendo ameaçados por grupos estranhos, propositadamente destruíam seus pertences deixando-os em pedaços e esmiuçados, quer fosse instrumento de pedra ou cerâmica, pondo-os numa vala, cobrindo-os de terra, muitas vezes sem deixar qualquer vestígio inclusive queimando suas próprias moradias. E assim os grupos abandonavam definitivamente o local, uma estratégia para se defender do inimigo e preservar a própria vida. Conseqüentemente o local era ocupado por invasores, revelando assim que as tribos viviam sempre em operação de guerra contínua.

Há de se supor que uma outra causa os grupos humanos ao perceberem que o solo tornara-se improdutivo à lavoura de tubérculos e cereais afins, decidiam se retirar para um lugar mais ou menos próximo ou talvez para um outro muito mais distante. Esse afastamento seria a curto ou longo prazo até que o terreno ausente em qualquer desses períodos retornasse à fertilidade normal o que poderia acontecer num espaço de cinco ou dez anos.

O grupo de família nessa situação já previa algumas dificuldades que deveria enfrentar nessa mudança. O meio de transporte fluvial nem sempre era satisfatório. Ora era utilizado uma canoa de pequeno porte que poderia conduzir no máximo umas seis pessoas, quando não uma igarité (canoa grande) onde podia ser levado os pertences mais leves e indispensáveis. Por via terrestre ficaria mais difícil e enfadonho para a condução dos utensílios e ferramentas, o que deixaria o andante exausto. O grupo em mudança já possuía bastante noção do rumo que tomaria e do que deveria fazer. Também estaria ciente seja lá para qualquer lugar que tivesse de ir, lá teria que começar como se fosse tudo de novo. Ainda assim não teria tanta dificuldade, porque apelava para o ajuri e assim unidos a outros grupos construía uma nova moradia.

É bom lembrar que os grupos em mudança não podiam conduzir todos os seus pertences de uso cotidiano: alguidares, panelões, forno de torrar farinha e muito mais. Mediante isso quebravam e enterravam tudo

para que não desse gosto a alguém quando porventura por lá passasse e viesse eventualmente fazer uso dos objetos.

Os sítios arqueológicos de Urucurituba e de municípios limítrofes possuem características semelhantes às daquelas da exposição acima. Os grupos humanos que habitavam a região não eram tão nômades, isto é, não viviam em contínuas mudanças ou arribações. Entretanto ao longo de séculos foram dando lugar a povos oriundos de lugares muito distante e aqueles cujos ancestrais num passado remoto, quem sabe, teriam sido parentes dessa leva de gente que de vez em quando chegava a região, acontecendo um provável reencontro dessas tribos. Desse novo encontro, certamente acontecia uma mistura genética e cultural expressa tanto na língua como nos próprios artefatos por eles confeccionados, deixados sobre o solo e debaixo do solo.

Essa tendência de uma cultura sobrepor a outra é muito natural e instintiva desde quando apareceu o homem na face da terra. Não é estranho avaliar a grandeza disso tudo porque no mundo sempre predominou o espírito de luta e de conquista, quer dizer, as sociedades mais fracas cedendo aos caprichos das mais fortes, e conseqüentemente surgindo novas sociedades, povos miscigenados. A exemplo, dentre tantos, cita-se os romanos com a conquista da Itália e península ibérica, norte da África, Grécia e Oriente Médio antes de Cristo, o que suscitou a expansão do império. Após Cristo, num certo momento histórico, o império sofreu crises. Desestruturado, o império cedeu o domínio a outros povos. O espírito de conquista, isto só pra recordar, do mundo europeu atravessou fronteiras e mares, chegou às Américas e hoje somos também o resultado desse produto e desse duelo milenar.

O que pensamos e o que acreditamos da população pré-histórica que habitou as terras de Urucurituba e municípios limítrofes?

Ora, mesmo sem dispor de recursos técnicos convenientes, ainda assim valemo-nos da imaginação e da possível criatividade para, audaciosamente tentar nos aproximar através de observações análogas em cima do vasto material encontrado *in loco* na intenção de descobrir



pistas que possam elucidar o comportamento vivido por essas sociedades que há milênios palmilharam as terras de Urucurituba.

Nas próximas páginas confirmar-se-á que a nova sede do Município foi edificada sobre um grande cemitério de civilizações perdidas, popularmente considerada por muitos como sendo terra de índios, selvagens, maus e perversos. Por falta de informação ou vergonha da etnia, infelizmente, muitos ainda têm esse preconceito.

Na verdade o espaço que outrora fora ocupado por tanta gente - sede do município - é possível afirmar que abrangia uma área de aproximadamente quinze campos de futebol.

Ora, é sabido que a terra preta é uma característica de habitação indígena permanente ou temporária. O tamanho do espaço horizontal e vertical são variáveis e proporcionais ao tempo em que o povo aí habitou. Segundo a teoria, se a terra preta for de uma espessura de cinquenta centímetros, isto significa um estágio humano de quinhentos anos. Se tiver um metro de espessura, ai sugere mil anos de ocupação, e assim por diante proporcionalmente para mais ou para menos.



Urnas mortuárias onde eram guardados ossos cremados dos heróis ou príncipes da costa sacerdotal. Acervo do Autor.

Assim sendo, como já foi dito anteriormente, o solo escuro é um constituinte dos restos de vegetais decompostos no chão. Se tratando de terreno de habitação indígena, outros elementos orgânicos podem integrar, por exemplo: o carvão, a cinza, os dejetos, urina, animais apodrecidos, fazendo o solo rico em nutrientes para os vegetais nobres cultivados pelos nativos.

Terrenos de terra preta na região do município testemunham que as populações teriam tido nesses locais uma permanência que variou entre cinquenta a mil e quinhentos anos.

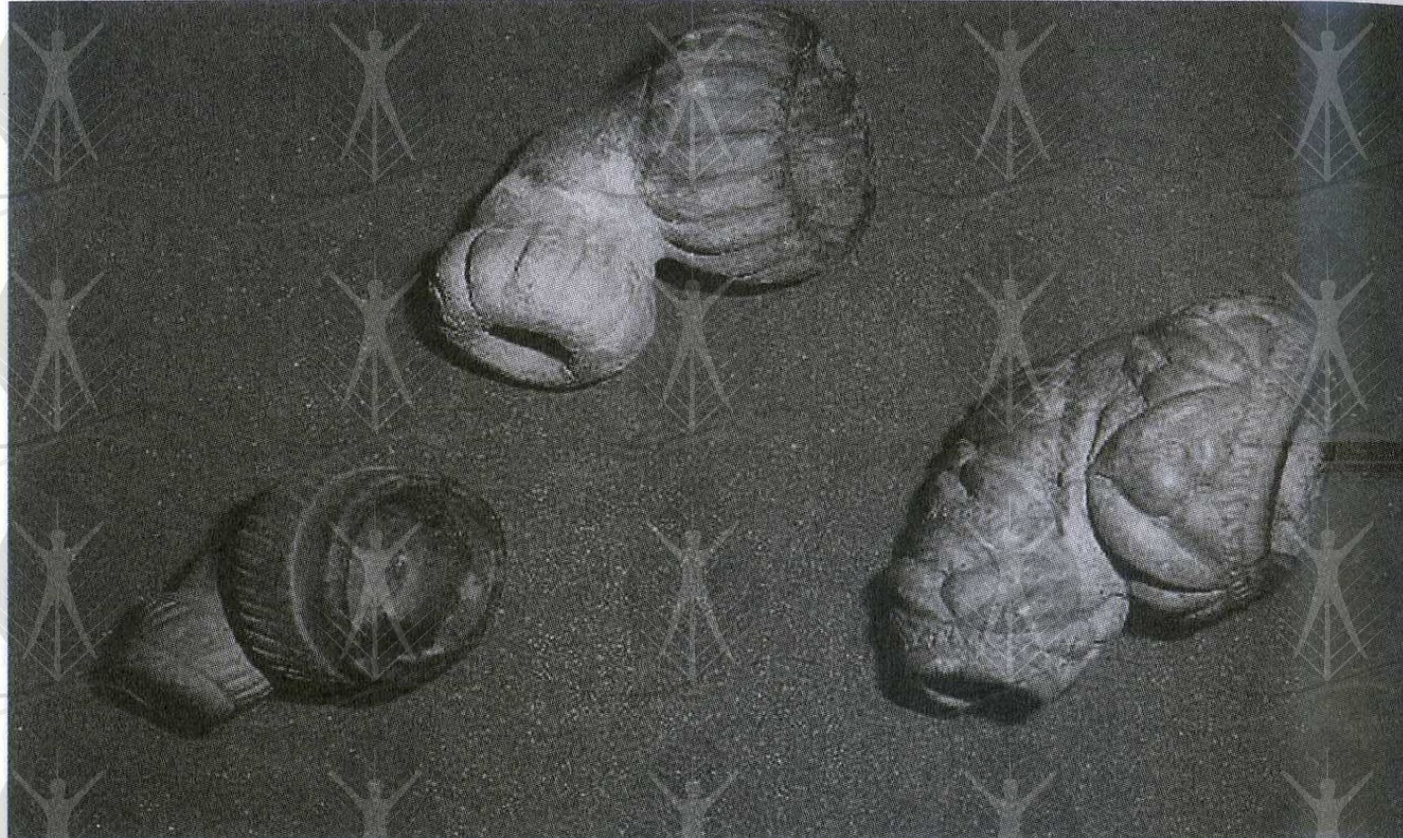
Os primeiros povoadores teriam chegado à região bem antes de Cristo e ao longo dos séculos foram implantando a cultura que haviam herdado de suas terras primitivas, o que indica que teriam imigrado da baixada oriental andina, da orla marítima da Colômbia, da Venezuela ou da América Central. Exímios agricultores, cultivavam uma variedade de vegetais: cereais, batatas, mandioca brava, macaxeira. Lathrap, divergindo de Noble, admite em suas considerações que a cultura da mandioca tivera sua origem com os povos arawak na confluência Negro com o rio Solimões a.C. Outros acreditam que a descoberta desse tubérculo para uso comestível, tivera sua domesticação com aqueles povos, porém, nas regiões de fronteira entre Rondônia, Acre e Bolívia, o que foi transmitido a outros povos da América do Sul. O milho principal alimento dos astecas e maias, chegou no Amazonas, o cacau também, e o mamão que ainda hoje prolifera nos roçados após a queima em terreno de terra preta.



A terra preta é uma característica de habitação indígena permanente ou temporária. Acervo do Autor.



Concha de barro para servir alimentação. Acervo do Autor.



Cachimbos em finíssima decoração. O uso do fumo é um ritual de tempo remotíssimo do povos das Antilhas. Acervo do Autor.

## 6 CERAMISTAS EXTINTOS

As mais recentes descobertas arqueológicas indicam que não só os ameríndios da região urucuritubense em tempos recuados, como outros do baixo Amazonas por volta do século XIV estariam em plena decadência. De sorte que quando os espanhóis e portugueses aportaram a região do vale amazônico no século XVI, a população existente parece que não era mais a portadora daquela cerâmica, pois já havia sido extinta por razões ainda não bem esclarecidas.

## 7 CERÂMICA DE TRADIÇÃO E OS DIFERENTES ESTILOS.

A cerâmica dessa microrregião apresenta-se de forma exótica, complicada e às vezes cheia de mistérios, o que evoca nesse complexo todo, certa elegância de rara e insigne beleza aos olhos do observador.

A fauna por sua vez era interpretada na superfície externa e na borda de louças de uso cotidiano ou cerimonial com adornos modelados a representação de aves e animais, peixes, batráquios e répteis. A decoração na superfície interna e externa com desenhos geométricos incisos ou excisos em vermelho, preto, alaranjado sobre fundo branco era predominante em caçarolas, tigelas, conchas, jarros, cachimbos, rodela de fuso e urnas mortuárias. Certos vasilhames tinham suas bordas caprichosamente entalhadas em forma de folha de trevo. Estatuetas a representação do ser humano masculino ou feminino, às vezes um ente fantástico ou alguma coisa parecida à cabeça de um faló, o que permite acreditar que esse objeto era utilizado como ritual numa devoção ao órgão procriador masculino.

Vestígios comprovam que cidade nova fora edificada em cima de uma necrópole indígena de um passado muito distante, cuja zona de maior concentração de cacos está quase totalmente perdida e ocupada pela urbanização. Nesse local, num passado longínquo, vivera uma população que teria tido certa identidade de relação linguística e contemporaneidade de estilo em seus artefatos de pedra ou cerâmica, com os grupos humanos da foz do Negro com o Solimões, do baixo Madeira, do Urubu, Uatumã, Nhamundá e Tapajós. Isso tudo é perceptível quando se faz uma comparação com os objetos desse local com os daquelas regiões. Os vasos por exemplos, muitos deles eram destinados a festas fúnebres nos quais eram depositados ossos semiqueimados de defuntos, ou seja, daquela pessoa que em vida teria sido gente muito importante da tribo, governador, guerreiro, guerreira, artesã ou um príncipe de casta sacerdotal, um costume cultivado pelos índios do alto Solimões ao Marajó, o que não descarta a possibilidade segundo Barbosa Rodrigues, (1873) em pertencer ao reino dos arawaks que estendia-se desde Venezuela, passando pelo Marajó até ao centro do Amazonas, mais conhecido na época da invasão portuguesa no Pará, por Aruans ou por Nheengaibas, e pelo braço norte subindo o rio Amazonas até o Negro, denominado arawakis.

O local onde se acha edificada a cidade nova, teria sido num momento de esplendor lá pelos idos do século XI, uma grande aldeia com aproximadamente cento e noventa famílias equivalente a 1.500 habitantes. Mais para o lado Sul, da Fazenda Tabocal ao lago do Agostinho, outra aldeia um tanto esparsa com mais de noventa famílias. A costa do Tabocalzinho nos idos do século acima teria sua margem estendida para fora, cerca de cem metros da atual e, margeando essa faixa sinuosa do rio Amazonas, seria possível presenciar uma sequência de malocas com mais de quarenta famílias. No término da estrada de acesso ao lago do arrozal abrangendo os terrenos de Mariano, Brancosa e Tertuliano, um outro aglomerado de famílias, em cujo ambiente, o que bem parece, havia uma indústria de redes, confecção de aventais de algodão e trançados de fibra de outros vegetais. Pela cabeceira do Miriti em terreno arenoso foram encontrados instrumentos de pedra polida, machado, marreta, batedor, pilão, polidores, o que indica um grupo de operários dessa indústria. Curioso ainda, é que essas povoações estabelecidas nas pontas e pelas cabeceiras do lago do Arrozal, mantinham trânsito rotineiro entre o lago e a grande aldeia à margem do rio Amazonas - costa do Tabocal. Tudo sugere que a grande aldeia era o centro da administração de onde partia o comando às demais comunidades da região. Seria verdade isso? Possivelmente. Vejamos:

Alguns anos depois da fundação da cidade nova, na Zona Leste, quando a mata ainda era virgem, com árvores frondosas e seculares, madeiras de lei em abundância, hoje ocupada pelo bairro chamado da invasão. Vila Olímpica, Aeroporto e cabeceira de acesso ao lago das Piranhas, foi constatado nessas paragens, vestígios de antigos caminhos que serviam de conexão à população entre o Arrozal e o rio Amazonas. E tem mais: quase a distância de um metro e meio da margem desses caminhos que, ora contornavam as cabeceiras, ora atravessavam as lombadas de terra firme, foram achados sobressaídos à flor do solo

diversos volumes de massa de mandioca e de milho popularmente denominado pão de índio.

É admissível que essa gente, além do costumeiro tráfego que normalmente fazia conduzindo produtos para comercializar na grande aldeia, tinha por hábito ou *por* precaução armazenar discretamente aquela massa à beira do caminho, ou talvez fosse uma maneira de mantê-la conservada para um momento emergencial, ou enquanto por certo tempo estivesse ausente do domicílio. Bem perto do caminho por onde sempre trafegavam, esses índios abriam um buraco redondo de fundo ovóide que podia variar de 30 ou 40 centímetros de profundidade com um diâmetro de abertura de aproximadamente 40 a 60 centímetros. No buraco era depositada a massa seca que estaria empalhada num paneiro ou num cesto. Uma vez agasalhada na cova, recoberta com cinza, cobriam de terra, formando uma saliência compacta arredondada para que a água da chuva não infiltrasse na massa. Em cima do monte deitavam folhas secas e restos de vegetais para que nada fosse percebido por algum viandante. O lugar era discretamente assinalado de tal maneira que só a pessoa que enterrava a massa podia retirar o material quando isso fosse necessário. O sinal identificador podia ser um galho vergado de uma árvore que estivesse próximo, ou alguns golpes no tronco dessa árvore, ou um certo tipo de mato que pudesse indicar com precisão o mantimento enterrado que geralmente ficava longe da maloca.

## 9 CUNHA DE PEDRA POLIDA

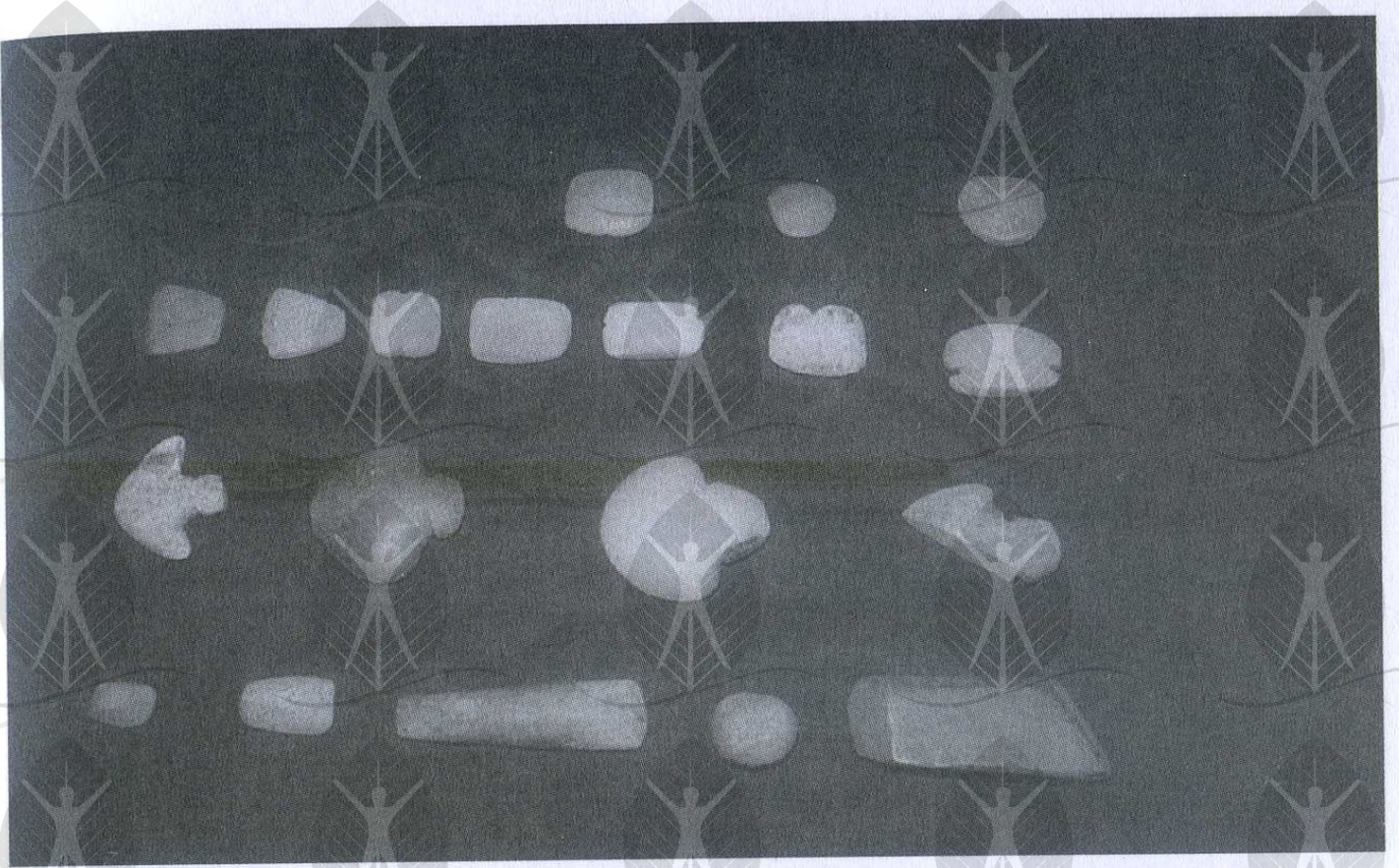
Pouco ou nada se tem em conta sobre primitivos grupos humanos que teriam temporariamente vivido na região da Vila Augusto Montenegro na fase pré-colombiana. O que existia por lá foi levado pela terra caída. Apenas um jarrinho foi encontrado no barranco em frente o antigo posto do SESP por um dos moradores, mas foi perdido. Daquelas paragens foi salvo tão somente uma cunha de pedra polida.

Os antecedentes dos avós de \* Armando Kettle (1915) contavam que em tempos antigos o rio Amazonas passava rente a Terra Preta do Limão. A largura da entrada do Paraná do Ramos era bem maior, o que permitia contemplar de longe, descendo o rio, a terra-firme entre a Terra Preta do Limão e Itapeaçu. Apunumã naqueles tempos deveria ser uma ilha em formação como tantas outras nesse passado. “Depois foi aumentando, aumentando, crescendo a terra, o mato, daqui a pouco um grande igapó cobrindo restingas entremeadas de paranazinhos e laguinhos compridos”. Absortos assim lembravam os caboclos essa hidrografia toda descrita por seus antepassados nos meados do século XIX. A embocadura do Paraná ficou muito estreita com a entrada mais pra baixo, ou seja, quase dois quilômetros da atual.

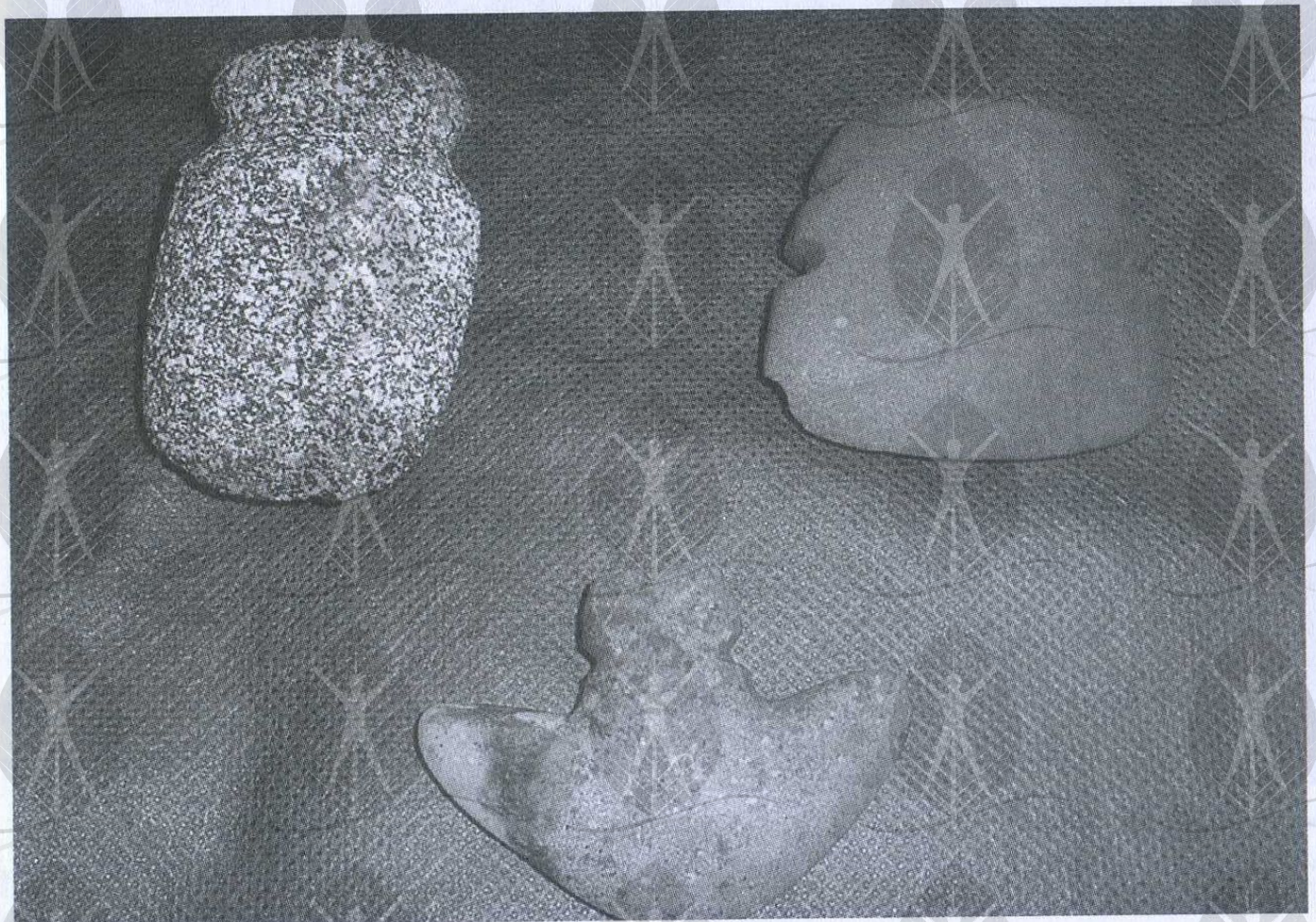
Foi nesse espaço entre a Terra Preta do Limão e Itapeaçu num passado também distante que habitou uma população provavelmente da mesma família dos habitantes da terra preta do Tabocal. A aldeia era esparsa. No Limãozinho, os vestígios indicam que havia uma escola artesanal onde podia ser fabricado uma variedade de objetos de uso pessoal, como bem parece: redes, cobertores e aventais de algodão, trançados de fibra de palmeira e arumã, bijuterias, cerâmica e ferramentas de pedra polida que eram comercializadas com unidades tribais adjacentes.

*Armando Kettle nasceu em 5 de julho de 1904. Parte de sua infância viveu onde hoje é a Vila Alves. Paraná do Ramos. Tem 103 anos (2007).*

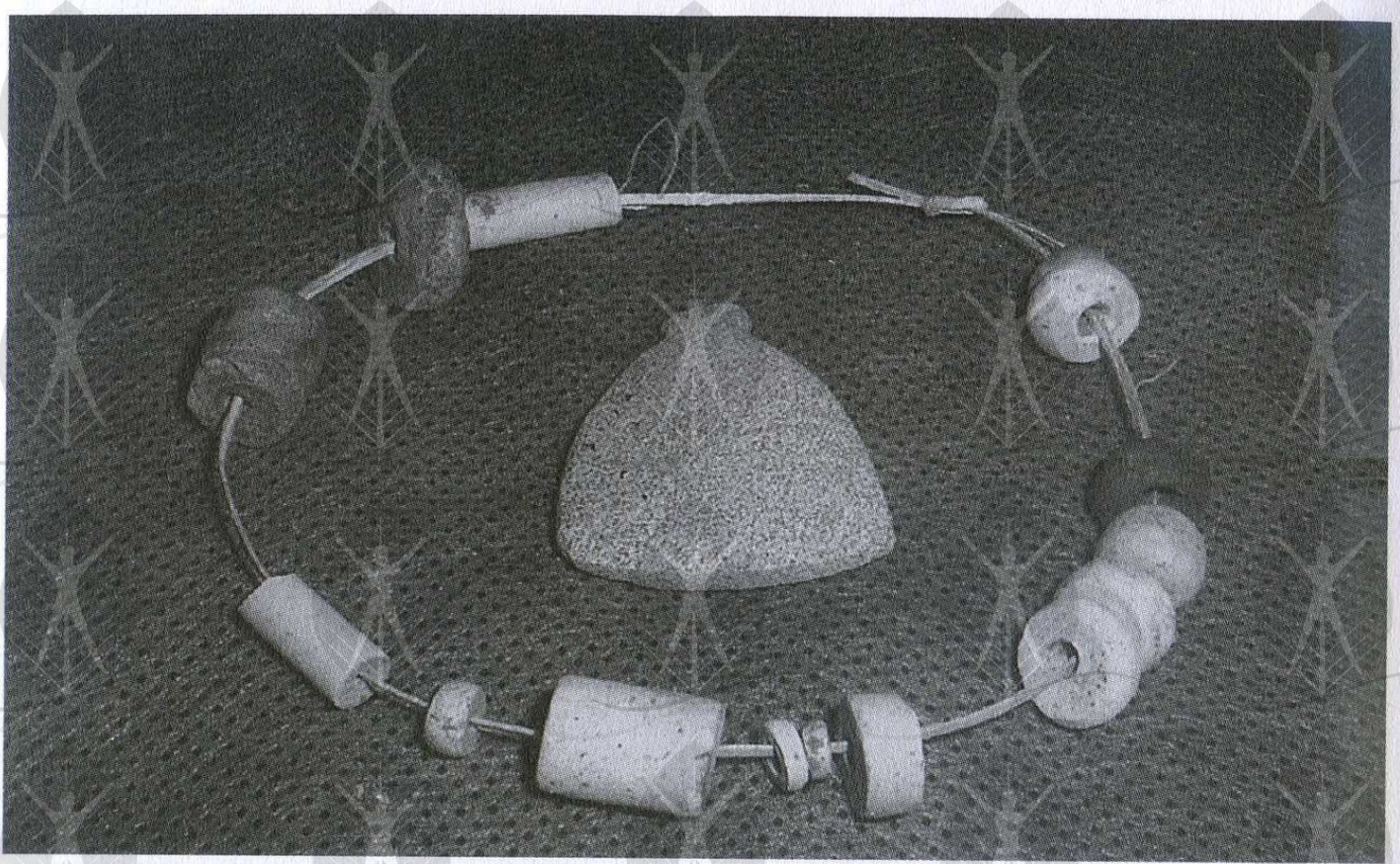




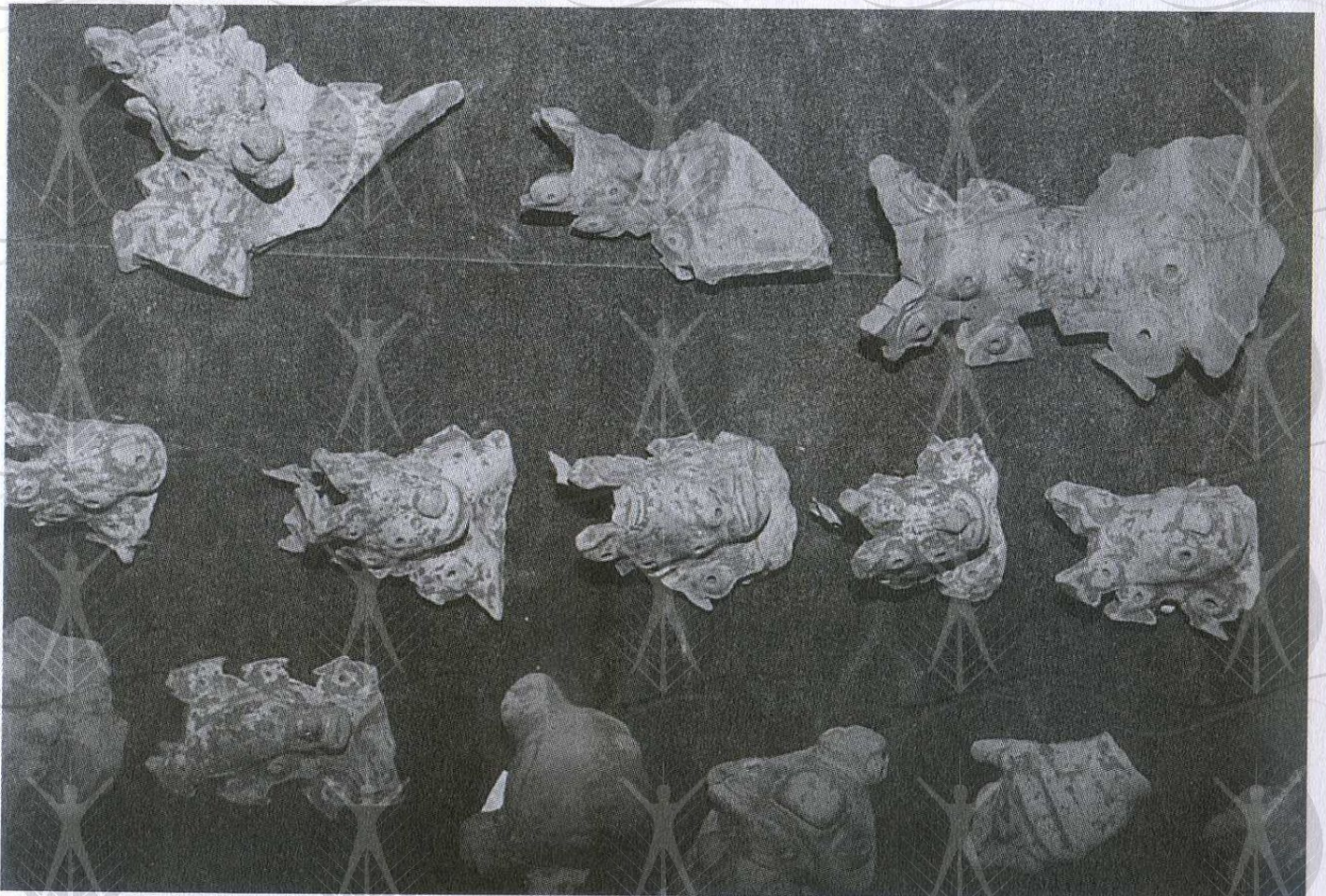
Ferramentas de pedra polida que eram comercializadas com unidas tribais adjacentes.  
Acervo do Autor.



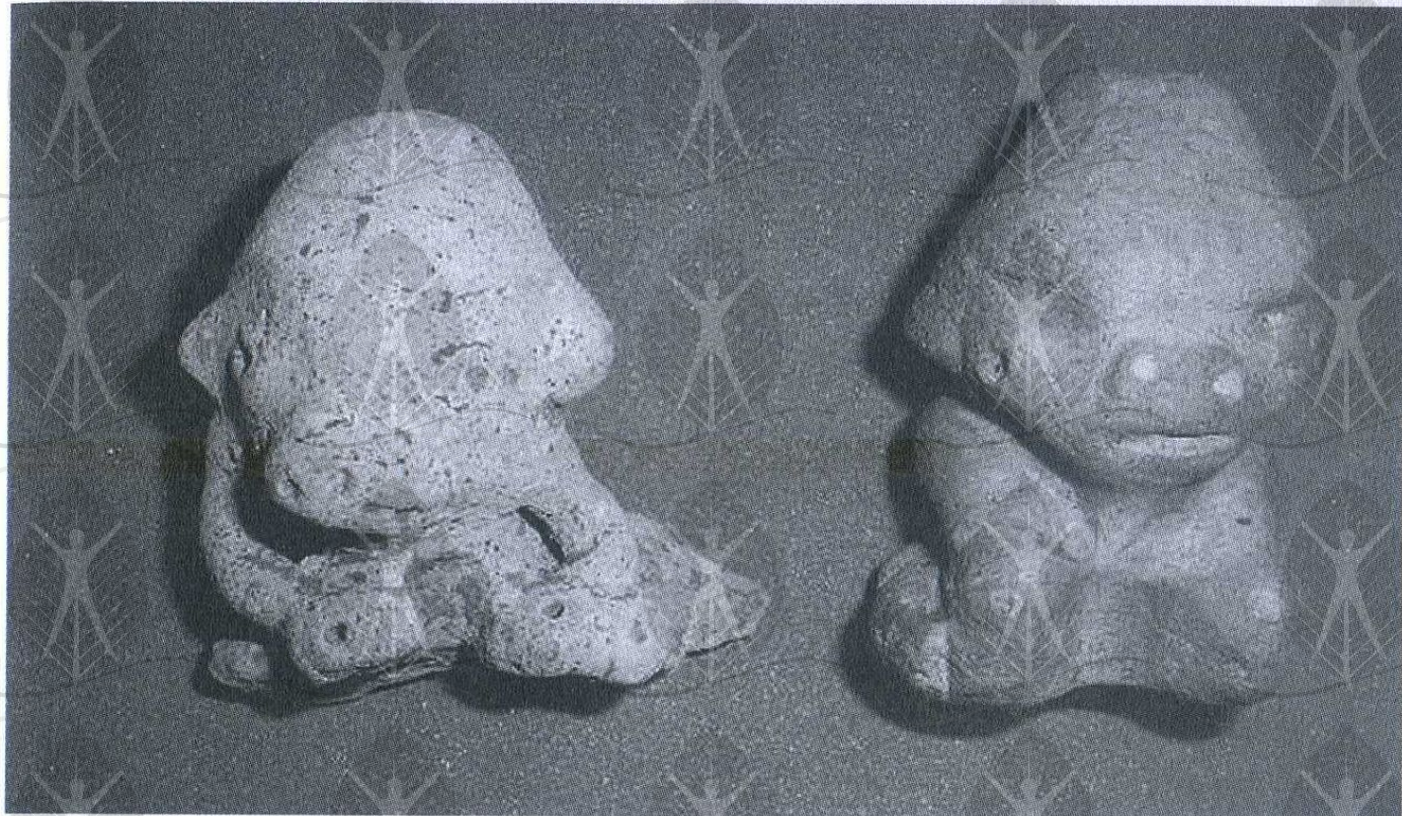
Machadinhas de uso múltiplo. Acervo do Autor.



Contas de colar. Acervo do Autor.



Adornos de borda de caçarola, em cerâmica, representando seres fantásticos da região. Acervo do Autor.



Um ser fantástico ou alguma coisa parecida à cabeça de um falo utilizado em ritual. Acervo do Autor.

## 11 GRUPOS HUMANOS NUMA TERRA SEM MALES.

Ressaltando o que foi considerado até o presente, neste tão resumido, apressado e despretensioso contexto, a população da região urucuritubense no apogeu de seu status socioeconômico e cultural, provavelmente lá pêlos idos do século XI, acredita-se que teria sido um território com mais de seis mil habitantes, o que faz a gente acreditar que poderia nesse tempo, pertencer a metrópole da foz do Tapajós ou ainda pertencesse àquela da confluência rio Negro / Solimões, cujas confederações sob ameaça de outros povos, aos poucos foram declinando ou conseqüentemente desaparecendo, dando lugar a sucessivos invasores que chegavam ao vale, os quais muitas vezes moviam guerras entre si dizimando até mesmo grupos humanos da mesma família linguística.

Viajando pelo Cayari, assim chamado pelos nativos que nele habitavam, (Madeira, denominado pelos portugueses) depois de identificar muitas nações, Cristóbal de Acuña logo ao sair da foz desse

rio, baixando pela margem direita do rio Amazonas, algumas horas depois parece ter chegado nas terras da região do lago do Agostinho, da Fazenda Tabocal, nas terras onde hoje se assenta a sede do Município e mais adiante no Tabocalzinho. Descendo, talvez no dia seguinte, teria chegado onde hoje temos a comunidade de Terra Preta do Limão e Itapeçu. Nessas localidades Acuña teria permanecido horas, ou quem sabe, alguns dias, para que pudesse melhor se certificar sobre tanta gente que habitava à região. Foi nessas paragens, sem dúvida alguma, que o jesuíta teria identificado e mantido encontros amistosos com as tribos Zapucayas e Urubutingas. A expedição prosseguiu a viagem. Mas ficamos a pensar; Será que esses grupos humanos não estariam em trânsito ou vivendo bastante tempo nesses locais como bem sugere aquele momento em 1639, invasores descendentes daqueles que teriam chegado à região na segunda metade do século XV ou no começo do século XVI? Ora, se o Amazonas naquele momento, na impressão de Acuña, ainda era densamente povoado, imagine nos séculos retrocedentes.

Os Tupinambás embora invasores recentes (1641) predominavam todo o arquipélago Tupinambarana, assim como outros do grupo tupi que viviam na orla direita do paraná do Ramos, do Urariá, passando pelo rio Abacaxis até a saída para o rio Madeira acima de Nova Olinda do Norte.

Os tupis, considerados nômades como bem parece os Zapucayas e Urubutingas ora mencionados, numa outra acepção, talvez estivessem passando por uma fase de miscigenação entre remanescentes Arawak e Karaiba. Essas nações estariam também sofrendo o impacto e os horrores do invasor europeu, fato perverso e constrangedor que seria mais agravante nos séculos posteriores.

Convém lembrar que a região do Município de Urucurituba, fora num passado secular, ainda muito distante da conquista ibérica, um dos pólos dessa imensa rede cultural da Amazônia, um espaço que servira de berço a sucessivas gerações de importantes grupos humanos inteligentes, enigmáticas civilizações, numa terra sem males. Fato

possível de ser compreendido quando lemos atentamente a natureza do solo, do material cerâmico, das pedras polidas e outros instrumentos deixados soltos sobre o chão ou no interior deste por alguma razão que pudesse ser justificada.

Os vestígios da cultura em questão, ao nosso ver, abrangem três áreas distintas. A primeira se estendia do lago do Agostinho até a costa do Tabocalzinho, onde aparece aqui ou acolá, segmentos de manchas de terra escura e presença de cacos, numa extensão de doze quilômetros acompanhando a orla curva do rio Amazonas por onde vivera, segundo Mário Simões, “populações de agricultores com uma horticultura intensiva, divisão de trabalho e maior complexo cultural”. A segunda, abrangia grande parte do lago do Arrozal, furo do Conrado, levando em conta as terras-firmes e restingas de massapé. A terceira área estaria compreendida em duas povoações com cinco quilômetros distante uma da outra. Uma povoação, na Terra Preta do Limão. A outra, em Itapeaçu à margem esquerda do paraná do Ramos.



Na visão dos cronistas as aldeias à margem do rio Amazonas eram consideradas grandes cidades (sécs. XVI e XVII). Muitas das quais com mais de 1.500 habitantes. Acervo do Autor.

Pensamos estar chegando ao final deste modesto trabalho. Para prosseguir, não nos importamos por aqueles que se propõem fazer o melhor. Porque há muito mais por descobrir desse passado de luta, de glória, declínio e desaparecimento brusco de povos habilidosos e de aguçada inteligência.

Resta-nos, portanto, caminhar rumo aos nossos antepassados para poder melhor entender as nossas origens, enaltecer o índio, a gente cabocla, a importância da preservação da nossa cultura e da nossa Amazônia.

- ACUÑA, Cristóbal de. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- BRASIL, Altino Berthier. *O Cariua*. 2 ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1982.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Colombo, fato e mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- DONATO, Hemani. *Os índios do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da América Pré-Colombiana*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual, 1994.
- LOUREIRO, Antônio. *Amazônia 10.000 anos*. Manaus: Metro Cúbico, 1982.
- MEGGERS, Betty J. *Amazônia a ilusão de um paraíso*. São Paulo: EDUSP, 1987.
- MELLO, Octaviano. *Topônimos Amazonenses*, Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1967
- MOBERG, Carl-Axel. *Introdução à Arqueologia*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1986.
- PORRO, Antônio. *As Crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Ed. UNB, 1992.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *História do Amazonas*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

SIOLI, Haraldo. *Amazônia Fundamentos da Ecologia da maior Região de Florestas Tropicais*. Petrópolis: Vozes, 1991.

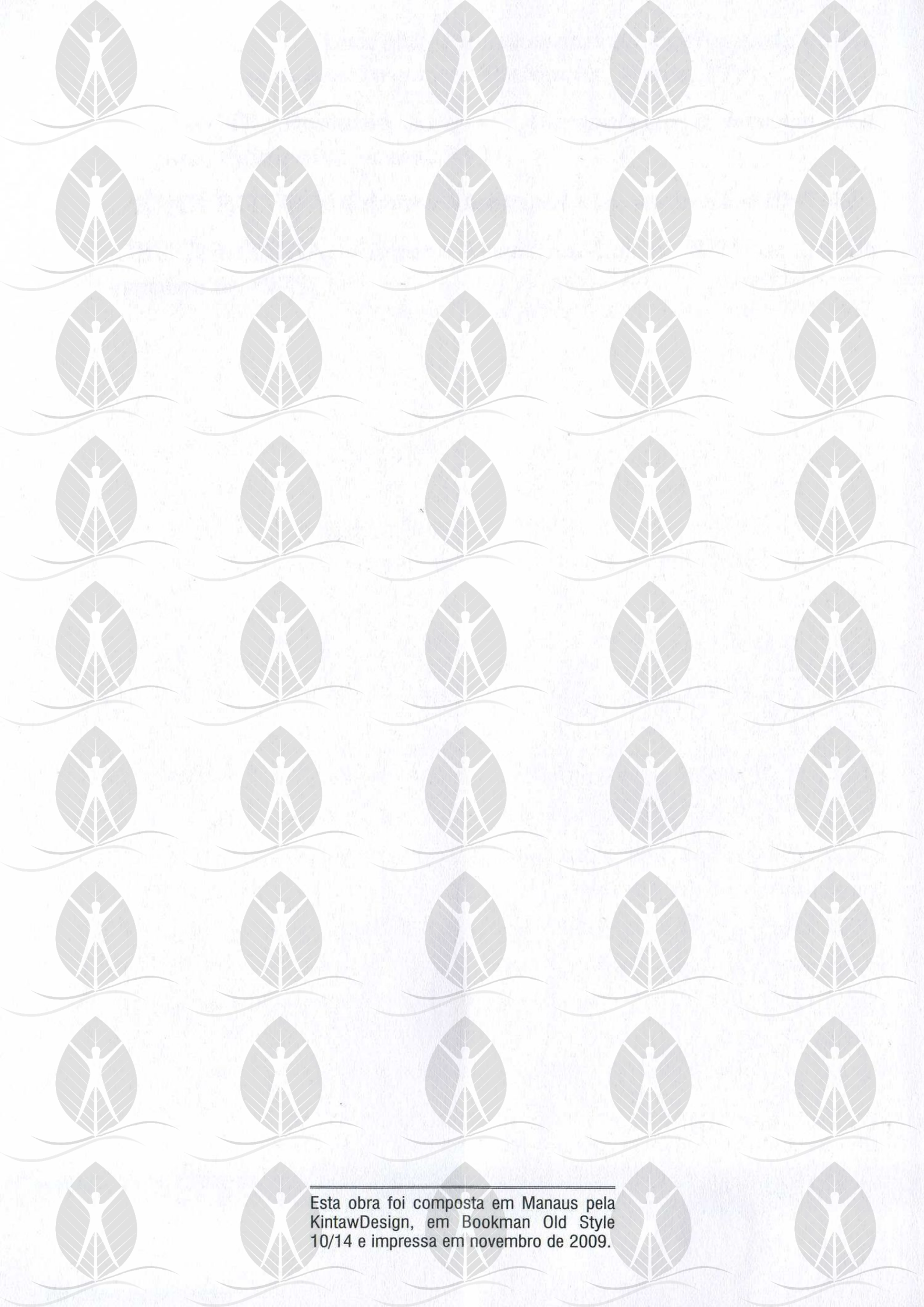
ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Antropologia o Homem e a Cultura*. Petrópolis: Vozes., 1991.

URUCURITUBA. *Câmara Municipal - Livro de Atas 1947/49*.

URUCURITUBA. *Câmara Municipal-Lei nº 2/75 de 24 de outubro de 1975*.

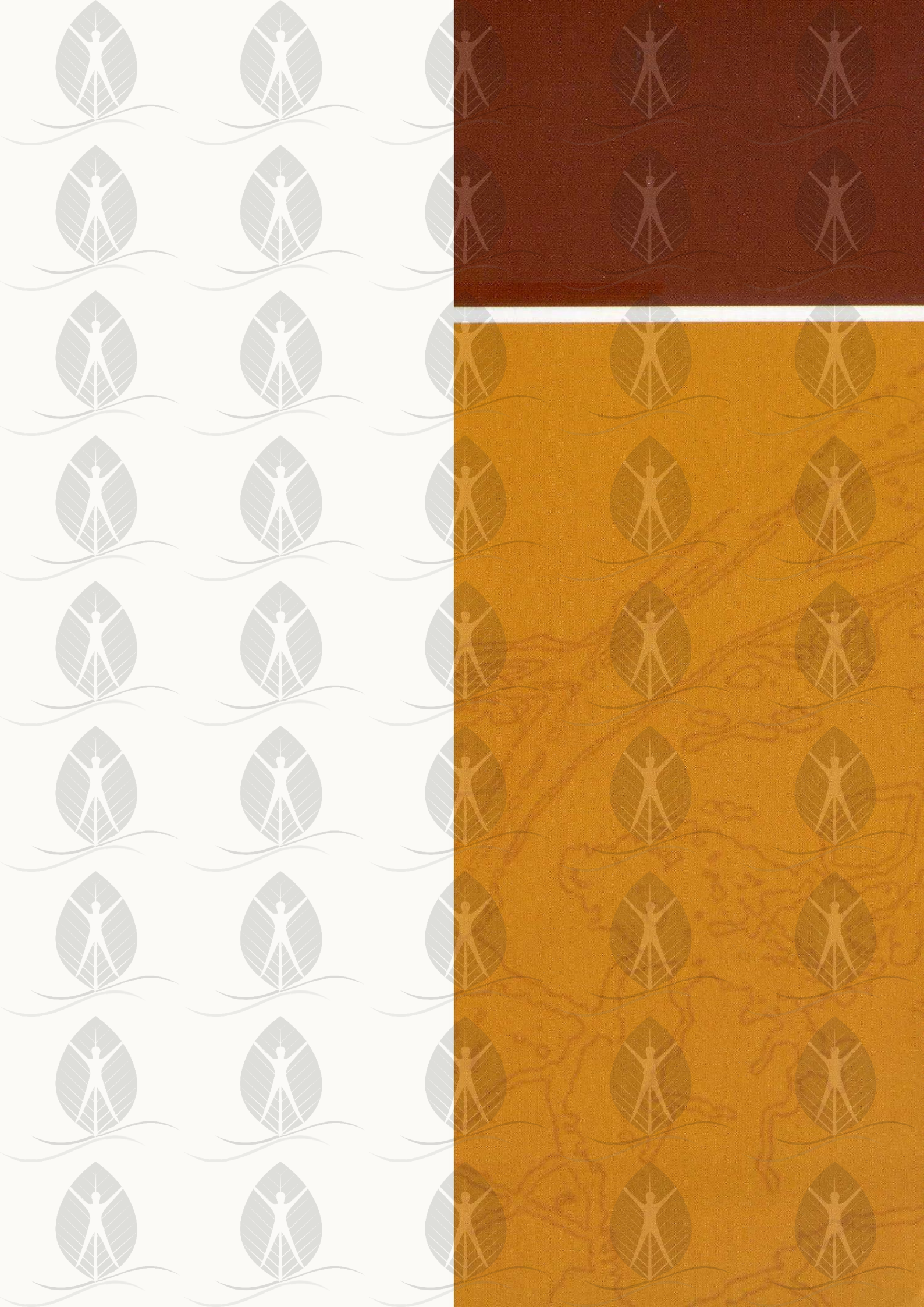






---

Esta obra foi composta em Manaus pela KintawDesign, em Bookman Old Style 10/14 e impressa em novembro de 2009.



*História concisa de Urucurituba* é um livro necessário que ajuda a fixar a história de uma comunidade amazônica, resgatando seu passado e lançando luzes sobre o presente. Trata-se de um testemunho importante sobre o processo de ocupação regional e o advento das cidades no Amazonas. Escrito numa linguagem simples, a obra é um painel não só sobre os acontecimentos históricos, mas enfoca igualmente os aspectos culturais, geográficos, antropológicos, amparando-se em pesquisa documental, na memória dos habitantes do lugar e no estudo de material arqueológico.

Com esta iniciativa, José Alberto Neves ajuda a preservar a memória de sua gente, salvando do esquecimento os fatos e experiências históricas que resultaram na criação do município de Urucurituba. Seu livro, além de cumprir um papel pedagógico, ajuda no processo de afirmação da identidade dos habitantes do lugar.

*Tenório Telles*



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA